



ESPECIAL ANO EUROPEU
do Diálogo Intercultural



| SUMÁRIO |



| ENTRE NÓS |



| INOVAÇÃO |



| LAÇOS |



| ALÉM OEIRAS |



| A ARTE DO SABOR |

- 04** INEVITÁVEL
- 06** ENTRE NÓS
"Não é possível introduzir mudanças sem funcionários motivados"
- 12** INOVAÇÃO
Apresentamos o novo edifício da Câmara
- 16** LAÇOS
"Acreditamos na inclusão"
- 22** PARCERIAS
Centro Comercial Alegro
- 28** A DOIS
"Estamos todos a guiar do banco de trás"
- 40** OEIRAS NA MODA
Oeiras "Dress is more"
- 48** ESPECIAL ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL
Quanto vale um sorriso?
- 52** OEIRAS IMAGINÁRIA
O peso do ar
- 60** CAUSA PÚBLICA
A escola com vista para o estuário do tejo e a pensar no mar!
- 66** ALÉM OEIRAS
Oeiras mais internacional
- 72** PROJECTOS DA AUTARQUIA
Passeio Marítimo até Paço de Arcos
- 74** INESQUECÍVEL
- 76** A ARTE DO SABOR
Xafarika bar
- 79** BIOGRAFICAMENTE

| FICHA TÉCNICA |

DIRECTOR
Isaltino Morais

PRODUÇÃO
Elisabete Brigadeiro

EDITORIA
Carla Rocha / crocha@cm-oeiras.pt

TEXTOS
Carla Rocha
Carlos Vaz Marques
Cláudia Brito
Luís Maria Baptista
Sónia Correia

FOTOGRAFIAS
Albano Pereira
Arquivo C.M.O.
Atelier Mário Sua Kay
Carlos Santos
Carmo Montanha
Luís Maria Baptista
Raquel Almeida

IDEIA GRÁFICA
Atelier Formas do Possível
www.formasdopossivel.com

PAGINAÇÃO
Costa Valença Pub. Lda.
www.costavalenca@gmail.com

PROPRIEDADE
Município de Oeiras

IMPRESSÃO
Sogapal

TIRAGEM
20.000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL
86817/95

ISSN
1646-5970

EXECUÇÃO
Gabinete de Comunicação

<http://www.cm-oeiras.pt/>



Oeiras a ler

O Programa Municipal de Promoção da Leitura “Oeiras a Ler” teve o seu início em 2003. Desde essa altura muitos foram os projectos, as iniciativas, os eventos que as Bibliotecas Municipais de Oeiras realizaram com o objectivo de promover a leitura dos segmentos de públicos, utilizadores ou potenciais utilizadores das BMO.

O Programa iniciou-se na modalidade de Ciclos Temáticos. A lógica dos Ciclos foi interrompida para dar lugar a uma lógica de projectos de continuidade.

Para o público adulto, iniciou-se o projecto “Dez Livros que Mudaram o Mundo”, co-financiado pela Fundação Calouste

Gulbenkian, que se tornou um caso de sucesso, com o Auditório da Biblioteca Municipal de Oeiras sempre lotado. O projecto supunha a selecção de 10 obras que marcaram o pensamento e a cultura ocidentais e a conferência, por um especialista, de cada uma das obras. Do projecto resultou a publicação de um livro com o mesmo nome.

Também para o público adulto, iniciámos o Café Literário, depois rebaptizado Café com Letras. Este projecto continua activo e tem sido um dos projectos mais bem sucedidos em termos de afluência de novos públicos (por ele passaram já José Saramago, António Lobo Antunes, Inês Pedrosa, Carlos Tê, Richard Zimler, Ricardo Araújo Pereira, Vasco Graça Moura, Mário de Carvalho, e muitos outros...).

Labirintos do Saber foi também um projecto para o público adulto e pretendia dar a conhecer várias dimensões da realidade que, de alguma forma, estivessem na ordem do dia ou no centro das preocupações humanas.

Desde Outubro, as Bibliotecas estão a realizar as “Conversas na Aldeia Global”, com diversos especialistas nas novas tecnologias de informação e informação em diferentes áreas.

Em finais de 2006 foi criado o Centro Oeiras a Ler, que reúne várias valências (a formação, um centro de documentação especializado, investigação/experimentação e edição). Desde a sua criação, o Centro Oeiras a Ler já realizou mais de 30 acções de formação para professores, educadores, técnicos de biblioteca, animadores e outros mediadores da leitura, pautando o seu plano de formação por critérios de qualidade, pertinência e adequação dos temas ao propósito. O Curso de Verão sobre literatura tradicional portuguesa *Traz Outras Vozes* também constituiu um momento importante no âmbito deste projecto.

Para os públicos infantis, e além de uma programação regular que conta com peças de teatro, ateliers variados, propostas de animação da leitura, contadores, têm sido desenvolvidos alguns projectos de continuidade, de que são exemplo: Histórias à Lareira, Casa da Imaginação (um espaço magnífico criado na Hora do Conto da BMO) e o

“Viagens por Entre Linhas”. Com o projecto “Viagens por Entre Linhas” passaram nos últimos dois anos cerca de 3000 crianças pelas BMO.

Outra das iniciativas que marcaram o “Oeiras a Ler” foram as que estiveram associadas às Comemorações do Bicentenário de Hans Christian Andersen.

O “Pijama às Letras”, que este ano terá a sua V edição, tem sido um dos eventos mais procurados pelas pessoas. As bibliotecas convidam as crianças e os seus familiares a dormir na biblioteca, comemorando desta forma o Dia Internacional do Livros Infantil e Juvenil

Em parceria com a Gulbenkian está também a decorrer o projecto Oeiras a Ler em Família, o qual pretende fortalecer os laços entre as famílias e a biblioteca, através de uma série de actividades que envolvam crianças, pais e avós na partilha de leituras.

Outros dos projectos emblemáticos foi o projecto europeu Histórias de Ida e Volta, que formou uma série de contadores e continua a desenvolver iniciativas na área da formação e da recolha de contos de tradição oral no Concelho, envolvendo públicos que, à partida, se encontrariam muito afastados da realidade da biblioteca.

O Oeiras Internet Challenge teve este ano a sua 2ª edição e afirmou as BMO como pioneiras também na área da literacia da informação. Este evento, que é um concurso para aferir as competências em matéria de pesquisa e recuperação da informação na web é, afinal, o corolário de uma aposta forte no desenvolvimento das literacias da informação que tem sido levada a cabo pelo Programa Copérnico, o qual põe à disposição do público uma série de formações na área, desde a pesquisa básica e avançada na web, à criação de blogs, passando pela aprendizagem da selecção de temas concretos em sites especializados.

Venha ler connosco. Venha descobrir mundos para além deste mundo.

Ler é voar!

| ENTRE NÓS |



“NÃO É POSSÍVEL INTRODUIZIR MUDANÇAS SEM FUNCIONÁRIOS MOTIVADOS”

Rui Afonso Lucas, presidente em exercício do Instituto Nacional de Administração

Pode a formação dos funcionários da administração pública contribuir para o aumento dos níveis de qualidade, eficácia e eficiência dos serviços prestados aos cidadãos, às comunidades e às empresas? A resposta é clara. Não só pode, como é até determinante. Para formar os recursos humanos ao serviço da administração pública existe uma instituição em Portugal. Chama-se Instituto Nacional de Administração e está sediado em Oeiras.

texto de Sónia Correia
fotos de Carlos Santos

Quando, pouco tempo após o 25 de Abril, o Governo entendeu que era chegada a hora de dar início a uma profunda reforma da administração pública, tentou fazê-lo por decreto. Não passaram muitos anos até que se concluísse que o caminho não era o mais indicado. Para mudar a administração pública havia, isso sim, que mudar mentalidades. E competências. De forma transversal, dos dirigentes aos funcionários.

“Tínhamos herdado uma administração pública muito burocrática, pesada e arrogante, que tratava o cidadão como administrado. Impunha-se uma alteração radical do paradigma da administração pública”.

O presidente em exercício, Rui Afonso Lucas, está ligado ao Instituto Nacional de Administração (INA) desde a sua fundação. Recorda que a criação do INA foi inspirada em instituições similares, que à época já existiam noutros países da Europa,

vocacionadas, essencialmente, para a formação de dirigentes e quadros superiores.

O projecto foi apoiado, desde o início, pela Fundação Gulbenkian que, inclusive, cedeu as instalações, no Palácio Marquês de Pombal. O espaço tinha sido adquirido para a instalação da colecção Gulbenkian e acolheu-a, de facto, até à construção do museu, em Lisboa.

Com a transferência da colecção para a capital, as instalações no Palácio ficaram libertas e a cedência foi a forma encontrada pela Fundação Gulbenkian para apoiar o projecto do Governo de criação de um instituto dedicado à formação dos recursos humanos da administração pública.

Entretanto, o Palácio do Marquês de Pombal passou a património municipal. E reforçaram-se os laços de cooperação existentes entre o INA e a Câmara.

“A história do INA está muito ligada à do município. Tem existido uma colaboração muito próxima e muito amiga, evidente não só nas grandes coisas – a presença do INA aqui no Palácio, que agora é propriedade da Câmara – como também em pequenas coisas”.

Para Rui Lucas “existe, por parte da Câmara, um grande reconhecimento da importância da presença de uma instituição como o INA em Oeiras. Temos tido sinais de que existe grande empenhamento em que o INA continue sediado em Oeiras, independentemente da utilização que futuramente o Palácio vier a ter. Fazemos parte deste grande parque de

ciência e tecnologia, somos uma peça central deste grande *campus científico*”.

FORMAÇÃO EM TEMPO DE MUDANÇA

Os tempos mudaram e a reforma da administração pública foi tomando forma. Mas, no essencial, a missão do INA sofreu poucas alterações ao longo dos últimos 30 anos.

A necessidade de formação dos funcionários da administração pública está, mais que nunca, na ordem do dia.

“Num quadro de mudança, como aquele que estamos a viver na administração pública, ganha ainda mais relevância o papel de uma instituição como o INA. A verdade é que são, cada vez mais, necessárias novas competências e as necessidades de informação e de formação têm aumentado exponencialmente”, salienta Rui Lucas.

Aquele responsável considera que a formação “é fundamental, a todos os níveis” e lembra que “num inquérito recente, feito a dirigentes e quadros da administração pública, os próprios reconheceram que o aspecto mais importante nas mudanças que é necessário introduzir na administração pública é precisamente o da formação – formação de funcionários e de dirigentes. Essa é também a nossa visão. Não é possível introduzir mudanças sem que existam funcionários e dirigentes motivados. Motivados e com a atitude certa. Daí a relevância do papel desempenhado pelo INA”.

Em 1992 o instituto viu ser alargado o espectro do seu público-alvo, ao passar a integrar uma estrutura da Direcção-Geral da Administração Pública que assegurava a formação de quadros administrativos.

Todas as categorias profissionais da administração pública passaram, então, a ter acesso a formação no INA.

Mais um passo para a tão falada (e tão almejada) reforma da administração pública.

Ao longo da última década, o INA duplicou o número de acções de formação ministradas. Em 2007 o instituto organizou mais de 600 acções de formação, num total de mais de 25 mil horas, aproximando-se do número recorde de 100 mil participantes/dia.

Tudo isto em áreas que vão da gestão à informática, passando pelos assuntos jurídicos e pelas línguas estrangeiras.

“Fazemos formação naquelas que são chamadas de ‘áreas horizontais’ da administração pública – áreas que interessam,





“A história do INA está muito ligada à do município. Tem existido uma colaboração muito próxima e muito amiga, evidente não só nas grandes coisas – a presença do INA aqui no Palácio, que agora é propriedade da Câmara – como também em pequenas coisas”.

em princípio, a todos os ministérios. Não formamos médicos nem enfermeiros, mas formamos médicos em gestão dos sistemas de informação, por exemplo”.

“O INA tem desempenhado um papel muito importante na formação de dirigentes que é, desde há alguns anos, obrigatória. Num universo estimado de cerca de seis mil dirigentes da administração central, até ao final de 2007 cerca de cinco mil já tinham feito formação. E com resultados muito bons, nas palavras dos próprios”.

No INA estuda-se, agora, um modelo de formação que permita dar continuidade a estas acções. A lei estabelece que a formação de dirigentes é válida por cinco anos. Neste momento, porque as acções começaram em 2004, “é preciso começar a pensar no *follow up* para a formação inicialmente ministrada aos dirigentes. É nisso que estamos a trabalhar”, adianta Rui Lucas.

Ainda na vertente da formação, o instituto é responsável

pela organização do Curso de Estudos Avançados em Gestão Pública (CEAGP). Trata-se, conforme nos explicou Rui Lucas, de um “curso longo e muito intenso”, relativamente ao qual é feito um recrutamento “transparente e muito exigente”.

Provas de selecção determinam que só os melhores sejam admitidos. Desses, os que se destacarem terão “direito a ingressar na administração pública”.

O CEAGP é “um sucesso”, tanto em termos de número de candidaturas, como em termos de resultados. “Os alunos são bem recrutados, de forma transparente, e recebem, ao longo de um ano, uma formação extremamente exigente. Este curso tem permitido ‘injectar’ na administração pública uma nova geração de quadros, bem recrutados e bem preparados. Alguns deles evoluíram, rapidamente, para posições de direcção. São quadros superiores muito bem preparados, que estão a desempenhar um papel importantíssimo no processo de mudança em curso na administração pública”.

GARANTIR, SEMPRE, OS MELHORES

A formação é a principal, mas não a única actividade do INA. “Nestes tempos de mudança, e com todas as reformas que têm ocorrido na administração pública, nomeadamente ao longo dos últimos dez anos, o INA tem desenvolvido intensa actividade ao nível da assistência técnica aos serviços públicos”, sublinha Rui Lucas.

A intervenção do INA é solicitada pelos serviços, por exemplo, quando se impõe a necessidade de introdução de reformas. Acontece com a aplicação de processos de avaliação do desempenho dos funcionários, com a reorganização de processos, com a gestão dos sistemas de informação ou com a elaboração de planos de formação, entre outras situações.

Outra das vertentes de actividade do instituto é a cooperação internacional. “A cooperação internacional desenvolveu-se, numa primeira fase, com as administrações públicas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, estendeu-se depois aos países parceiros da União Europeia, numa fase posterior, aos países candidatos à integração europeia e, ainda, a Timor e ao espaço ibero-americano”, explicita Rui Lucas.

O INA integra, neste contexto, duas escolas virtuais, a Escola Ibero-Americana de Administração e Políticas Públicas e a Escola Ibero-Americana de Governo e Políticas Públicas, que funcionam no âmbito do Centro Latino-Americano de Cooperação para o Desenvolvimento, rede de cooperação da qual o INA é membro activo.

Anualmente, o instituto promove, também, o Congresso Nacional da Administração Pública, evento que é, nas palavras de Rui Lucas, “um grande fórum de informação e de debate sobre as questões da administração pública, reunindo largas centenas de participantes”. O próximo já está em preparação e acontecerá em Novembro.

Para assegurar este amplo leque de actividades, o INA conta com um quadro fixo de cerca de 150 colaboradores, aos quais acrescem cerca de 500 formadores, colaboradores externos, oriundos de universidades, de serviços públicos, de empresas, e até do estrangeiro. “Fazemo-lo por razões de flexibilidade e porque, desta forma, conseguimos garantir, sempre, os melhores”. ❤️



A formação é a principal, mas não a única actividade do INA.

E se tivesse mais espaço para contemplar?



| INOVAÇÃO |



FORUM MUNICIPAL

Apresentamos o novo edifício da Câmara

FÓRUM MUNICIPAL

A felicidade no local de trabalho

Texto de Carla Rocha
Imagens do Atelier de Mário Sua Kay

O futuro edifício que irá albergar os serviços municipais da Câmara Municipal de Oeiras foi apresentado em sessão de câmara pelo próprio Mário Sua Kay, autor do projecto.

Será num único espaço que todos os serviços da autarquia serão inseridos, de forma a tornar as relações funcionais mais céleres.

A localização proposta para o edifício e a orientação Nascente Poente proporcionam uma visão abrangente do Concelho de Oeiras e sobre o Tejo.

O lote municipal abrange uma área aproximada de 16.000m², com frentes para a Rua Eng. Álvaro Roquette para a Estrada de Oeiras e para a Rua Dr. José da Cunha (rua 2) (ver imagem 2). Os acessos rodoviários serão desenvolvidos através da Rua 2, localizando-se nesta zona a entrada para o estacionamento subterrâneo e para a praça Pública. A entrada para o edifício principal – Torre, é também feita por aqui. Foi pensada numa ligação pedonal ao Parque dos Poetas, ligação esta ao ar livre. Foi necessário um estudo atento, quer das vias envolventes quer do tecido urbano limítrofe, de forma a enquadrar

eficazmente a proposta do novo edifício, tanto do ponto de vista estético como funcional. A zona a Nascente constitui o maior impacto e visibilidade – A Torre – e o acesso obrigatório será a Entrada principal; o outro edifício, de carácter público, encontra-se enterrado, de modo a enquadrar o terreno. Relembramos que o terreno possui um declive acentuado e é este último edifício que o vence, com uma cobertura inclinada, dissimulando-o. Desta forma, o que fica realçado é a Torre. Entre estes dois volumes, torre e edifício complementar, existe uma diferença assimétrica de cerca de 14 metros. Assim sendo, a proposta é composta por dois edifícios: a Torre nascente, que comporta os escritórios, Salão nobre, Sala de Reuniões da Câmara; e o de carácter público, ou seja o edifício complementar. Os pisos 02 e 01 são destinados a estacionamentos, sendo que destes pisos, o 02 é reservado a quem trabalha na câmara e o 01 para o público. O número total de estacionamentos em cave é de 433 lugares. É também no piso 02 que se encontra a zona de arquivo com cerca de 400m². No nível 0 (zero) encontra-se a Entrada Nobre para a Torre

e também a zona de entrada do edifício complementar, onde podemos encontrar os editais. Esta zona é complementada ainda por lojas, bares e restaurantes que animam a praça. Esta área terá mais ou menos de 440m², sendo que a área bruta edificável é de 22.950m². destaca-se neste piso a Praça Pública de grande valência, uma vez que será nesta praça que terão lugar as actividades extrapolares à câmara, tornando-a numa zona atractiva.

No piso 1 do Edifício Complementar encontra-se o átrio e toda a parte de atendimento ao público. Existe ainda a este nível, um corredor técnico longitudinal que permite o abastecimento de todas as áreas sem distúrbio da parte pública.

No piso 1 da Torre, estão localizados o Salão Nobre e a Sala de reuniões da Câmara.

O Piso 2 do edifício complementar integra espaços mais privados, nomeadamente o refeitório e três salas polivalentes para Formação. Este piso tem ligação directa ao piso 2 da Torre

através de um passadiço. Assim, cria-se uma ligação entre os dois edifícios.

O piso 3 do edifício complementar é uma cobertura totalmente ajardinada. Na Torre, o piso 3 tal como o 4 são pisos vazados, com núcleos da Torre a funcionarem.

Os pisos de 5 a 13 são destinados aos serviços e os pisos 14 e 15, ao Executivo Camarário e à Presidência, tanto a ideia de se estar sob o concelho, gerindo-o, observando, a trabalhar para Oeiras. De uma forma simbólica, o Executivo Municipal debruça-se, a partir do ponto mais elevado da Torre, sobre todo o concelho de Oeiras.

No interior da Torre, as fachadas serão totalmente de vidro que oferece às zonas de trabalho luz natural, envolvidas por espaços de lazer e de descompressão. As áreas de fumadores são espaços preparados para a continuação do trabalho.

O desenvolvimento vertical da Torre é enfatizado pelo duplo pé-direito do átrio de chegada, pelos pisos vazados que destacam a zona privada da Torre e outra mais pública (incluindo o Salão Nobre e Sala de Reuniões da Câmara), cuja entrada principal é abraçada por planos laterais cegos que se espraiam numa curva suave.

A entrada, recolhida relativamente ao plano de fachada, convida e acolhe o visitante para em seguida, o fascinar com a imagem do espaço interior.

A simplicidade da forma do edifício é reflectida na aplicação limitada de materiais diferentes, não só nas fachadas como nos interiores, conduzindo à simplificação e standartização da construção.

No exterior, as fachadas da Torre são de vidro, e os seus núcleos de circulações são em Alucobond cinzento. Os volumes do Salão Nobre e da Sala de reuniões, apresentam materiais diferentes de modo a criar diferenciação: o Salão Nobre é forrado a xisto, enquanto que a Sala de Reuniões é forrada a Alucobond vermelho. Tudo é animado por um grande espelho de água que circunda a Torre. A opção do elemento água prende-se com o facto de ser um elemento que induz à calma, à serenidade.

A contrastar com a Torre, no Edifício Complementar, pretende-se usar pedra rachão, comumente conhecido por 'cascão'.

O pavimento da Praça Pública é todo em lajedas de betão, de



imagem 2



modo a proporcionar um espaço amplo e polivalente onde se pode realizar, por exemplo, exposições. A demarcação do percurso principal que se fará quando entrar no complexo é feita através do uso de outro material no pavimento, o granito.

Os interiores têm pavimento em deck de madeira, calcário, linóleo, auto-nivelante e soalho de madeira sobre pavimento técnico.

As zonas de acesso são áreas contidas e eficazes, que permitem o acesso controlado a todo o edifício.

O átrio constitui-se como elemento catalisador das actividades do Município e é por excelência uma zona que poderá funcionar como espaço de exposições ou outros eventos que fomentem uma troca entre município e munícipes. O Salão Nobre e a Sala de Reuniões da câmara apresentam-se como elementos soltos do edifício, não tocando nas paredes exteriores e criando jogos de luz e volumes. A entrada de luz para ambos os espaços é feita a partir da cobertura, podendo esta entrada ser encerrada quando for imperativa a ausência de luminosidade. Entre o Salão Nobre e a Sala de Reuniões, encontra-se uma galeria que acomodará todos os quadros dos presidentes. No átrio do Edifício Complementar, encontra-se o famoso quadro do Marquês de Pombal, da autoria de Louis Michel Van Loo e Vernet, que irá conferir ao espaço o respeito pela tradição apoiada na modernidade da área.

Na envolvência dos edifícios, criaram-se, na zona circundante,

faixas pedonais que permitem a comunicação entre as Praças Públicas. A Praça Pública desenvolve-se numa cota mais baixa que a Rotunda conferindo-lhe uma protecção natural relativamente ao tráfego e possibilita um acesso natural à passagem para o Parque dos Poetas.

Os espaços exteriores do Fórum Municipal foram pensados numa harmonia entre o horário de expediente e o horário extra-laboral, como espaços que potencie a relação com o ambiente e os espaços verdes. Assim sendo, salienta-se uma zona de estadia tranquila, circulação e jardim de cores e aromas distintos. Às árvores para este espaço pretendem-se marcantes e coerentes com a envolvência, como é o exemplo das Oliveiras e Zambujeiros. Não foi esquecido o mobiliário urbano, sempre a pensar na perfeita simbiose entre o exterior e o edifício. Mário Sua Kay afirmou que o edifício foi elaborado tendo em conta a sua funcionalidade, mas também: «para que todos os que aqui venham a trabalhar se sintam imensamente felizes por estarem neste espaço». Por fim, salientou a sustentabilidade deste projecto, na sua capacidade de otimizar o espaço, a funcionalidade do mesmo e a escolha dos materiais.

O Fórum Municipal como espaço para quem trabalha em prol do município, mas também uma porta aberta a todos os munícipes.

Afinal, é o edifício de TODOS nós! ❤️

| LAÇOS |



“ACREDITAMOS NA INCLUSÃO”

Ivone Félix, directora pedagógica da Cooperativa de S. Pedro de Barcarena

texto de Sónia Correia
fotos de Carmo Montanha

Fundada em 1975 por um grupo de pais de crianças e jovens portadores de deficiência severa e profunda, a Cooperativa de S. Pedro nasce da necessidade sentida, por esses pais, de um melhor cuidado relativamente aos seus filhos.

Recuando mais de 30 anos, é fácil perceber que se tratava de uma franja da população com pouca visibilidade – os deficientes viviam muitas vezes ‘escondidos’ da sociedade – e para a qual estavam disponíveis muito poucas respostas adequadas.

Na realidade, até à segunda metade da década de setenta as respostas de atendimento a crianças e jovens com deficiência mental em Portugal eram praticamente nulas.

Associada do Movimento CERCI – Cooperativas de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas, a Cooperativa de S. Pedro está, desde o início da sua história, sediada em Barcarena, concelho de Oeiras.

À semelhança de outras instituições similares, a Cooperativa de S. Pedro direccionou, numa fase inicial, a sua intervenção para crianças e jovens em idade escolar, relativamente às

quais não eram oferecidas, pelo Sistema Educativo de então, respostas pedagógica e socialmente aceitáveis.

Alguns dos jovens, filhos dos fundadores, permanecem sendo, hoje, utentes da Cooperativa que, progressivamente, alargou o espectro de serviços oferecidos.

Criaram-se novas soluções, adaptadas às diferentes etapas de desenvolvimento dos utentes, às suas necessidades, e às das famílias, no sentido de realizar, de forma plena e efectiva, a sua integração na sociedade.

O facto de ter sido a primeira, no âmbito do Movimento CERCI, a abrir as portas de uma Unidade Residencial marcou, de forma decisiva, a história da instituição.

“Abrimos, logo, com Residência. E isso fez a diferença. Foi também por isso que tivemos, desde o início, e sobretudo, utentes com deficiência severa e profunda – esta foi uma marca que ficou associada à Cooperativa de S. Pedro”.

O rosto da instituição, Ivone Félix trabalha, desde 1980, como terapeuta ocupacional na Cooperativa, tendo assumido, dez anos mais tarde, o cargo de directora pedagógica.

| LAÇOS |

É ela quem recorda como funcionava a instituição num tempo em que as actividades realizadas com crianças e jovens deficientes “não eram tuteladas nem subsidiadas por ninguém.

“As coisas eram organizadas de forma diferente do que são hoje em dia. Do ponto de vista teórico e documental existiam muito poucos instrumentos. Era o bom senso que imperava”. Para além dos cuidados básicos, como a higiene e a alimentação, as actividades desenvolvidas baseavam-se, essencialmente, na realização das chamadas ‘manualidades’ de sala e nos passeios.

Um conhecimento maior e mais profundo das necessidades dos deficientes ditaram o alargamento dos serviços oferecidos. Foram criadas novas valências, com o objectivo de abranger, também, diversas faixas etárias.

DOS TRÊS MESES... AOS 53 ANOS

Actualmente, são cinco as valências da Cooperativa de S. Pedro, incluindo intervenção precoce, escola de educação especial, centro de actividades ocupacional, residência e apoio domiciliário.

“Começamos a trabalhar com crianças com deficiência, ou em risco, a partir dos três meses de idade”. Este é o fundamento do Programa de Intervenção Precoce que apoia, no seu contexto de vida, 45 crianças e famílias do concelho de Oeiras. O trabalho com estas crianças pode começar, conforme nos explicou Ivone Félix, aos três meses, prolon-

gando-se até aos seis anos.

Nessa altura, as crianças são enquadradas na Escola de Educação Especial, projecto que funciona quer nas instalações da Cooperativa, em Barcarena, quer na Escola Básica Custódia Marques, em Porto Salvo, no âmbito de um “projecto de inclusão que mantemos há já alguns anos”.

Esta é, contudo, uma valência com data-limite definida.

“Dentro de alguns anos deixaremos de ter escola de educação especial. Primeiro, porque a legislação assim o determina. E segundo, porque nós acreditamos na inclusão”.

Com a propriedade de quem trabalha na área há muitos anos, Ivone Félix acredita que a escola deve ser uma escola para todos e que a legislação mais recente “vai exactamente nesse sentido.

“Portugal não pode passar a vida a assinar declarações e tratados. A declaração de Salamanca [sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais] é de 1994, tem 14 anos, e já nessa altura se preconizava uma escola para todos. Claro que não vai ser tudo fácil na escola. Provavelmente vai haver dois, três anos muito complicados.

Mas as crianças devem estar todas na escola. E a escola tem de se organizar, no sentido de ter os recursos, materiais e humanos, e as metodologias, para que isso seja possível. A verdade é que aprendemos muito uns com os outros. Acredito que seja benéfico, tanto para as crianças ditas normais, como para as crianças com deficiência”.





“Quando as crianças que agora frequentam a nossa escola completarem 18 anos e passarem para o centro de actividades ocupacional não vai entrar mais nenhuma, logo, a nossa escola terá tendência para acabar”.

Actualmente, frequentam a escola de educação especial da Cooperativa de S. Pedro 27 crianças.

Depois dos 18 anos, os jovens são integrados no Centro de Actividades Ocupacional. Esta é a maior valência da Cooperativa de S. Pedro, proporcionando apoio a 80 pessoas. “São pessoas que não conseguiram ser incluídas no mercado de trabalho. Entram com 18 anos e o mais velho tem, neste momento, 53”.

Os utentes do centro de actividades estão divididos em dois grupos. O primeiro é chamado de ‘socialmente útil’ e é constituído por pessoas que têm capacidade de realizar trabalhos e que, como qualquer outro adulto, trabalha e é remunerado.

“Começamos a trabalhar com crianças com deficiência, ou em risco, a partir dos três meses de idade”. Este é o fundamento do Programa de Intervenção Precoce que apoia, no seu contexto de vida, 45 crianças e famílias do concelho de Oeiras. O trabalho com estas crianças pode começar, conforme nos explicou Ivone Félix, aos três meses, prolongando-se até aos seis anos.



Lavagem de carros, trabalho na quinta e na rouparia, limpeza de escritórios, tapeçaria, são muitas, diversificadas, úteis e rentáveis as tarefas desempenhadas por este grupo de utentes.

O segundo grupo, denominado de 'unidade de bem-estar', abrange os utentes mais dependentes, quer do ponto de vista físico, quer do ponto de vista cognitivo, cujas capacidades de trabalho são, de facto, muito reduzidas.

"O nosso trabalho com estas pessoas está relacionado, essencialmente, com aspectos básicos como a alimentação, a mobilidade ou a postura".

Paralelamente, a Cooperativa de S. Pedro mantém em funcionamento a Unidade Residencial que foi, desde o início, uma imagem de marca da instituição.

Ali vivem 50 pessoas com idades compreendidas entre os 11 e os 53 anos que, de uma forma geral, são utentes de uma ou outra valência da Cooperativa. A residência funciona durante todo o ano, para os utentes que não dispõem de qualquer enquadramento familiar. Relativamente aos que dispõem desse enquadramento, a instituição preconiza que pelo menos durante o mês de Agosto possam estar em casa, com as suas famílias.

Mais recentemente, em 2005, foi criada, na Cooperativa, a valência de apoio domiciliário contemplando, nas palavras de Ivone Félix, "os aspectos tradicionais e outros menos tradicionais" e abrangendo, actualmente, 17 pessoas.

Trata-se de um serviço de apoio domiciliário a pessoas com deficiência, de qualquer idade. "No caso de uma criança, pode consistir, por exemplo, em recebê-la na carrinha que a traz da escola, dar o lanche, dar banho e prepará-la para quando os pais chegam a casa".

O serviço também abrange idosos, mas Ivone Félix esclarece que "o grande motor da criação deste apoio domiciliário foram as pessoas com deficiência, bem como as suas famílias".

No conjunto de todas as valências, a Cooperativa de S. Pedro presta já apoio a mais de uma centena de pessoas com deficiência. A capacidade de resposta está esgotada, excepção feita ao apoio domiciliário e ao programa de intervenção precoce, "porque são valências com grande mobilidade". Nas outras, "infelizmente, não conseguimos receber mais ninguém. Aceitamos inscrições, mas não temos vagas e a lista de espera é... grande".



FAMÍLIA FORA DA FAMÍLIA

A Unidade Residencial, que existe em Barcarena há tantos anos quantos a Cooperativa de S. Pedro, é, de facto, a que granjeou à instituição o maior reconhecimento.

São diversas as razões que motivam uma família a recorrer aos préstimos de uma residência para pessoas com deficiência.

Nos casos em que essa família existe, bem entendido.

Em cerca de 20% dos casos não existe. “O único apoio que essas pessoas têm é a instituição”.

Como é que se lida com isso?

“Nos primeiros casos foi complicado. Depois percebemos que alguém tem de ficar e assumir a responsabilidade, porque a família desaparece, muitas vezes. Desaparece mesmo, porque morre, sem que existam outros familiares directos. Ou desaparece porque não quer saber daquela pessoa. Também há casos desses. E quando isso acontece, alguém tem de se responsabilizar por aquelas pessoas”.

Esse alguém é, muitas vezes, a instituição que os acolhe.

De acordo com a legislação em vigor, nenhum outro familiar directo, excluindo os pais, pode ser obrigado a ficar com a tutela de uma pessoa com deficiência. Mas a instituição obrigatoriamente terá de ficar.

“Todos eles devem, ao completar 18 anos, ser alvo de um processo de interdição ou de inabilitação. É o tribunal que diz que estas pessoas nunca serão pessoas adultas e terão de

ter sempre uma terceira pessoa que cuide delas. É o tribunal quem decreta que a guarda e a tutela destas pessoas é concedida à instituição.”, explica Ivone Félix.

Na Cooperativa de S. Pedro, 20% dos utentes da residência estão à guarda da instituição.

Realista, Ivone Félix constata o que é, afinal, verdade. “Alguém tem de cuidar deles. Nós consideramos que cuidamos bem e que temos condições para cuidar. Era muito mais fácil e melhor, para todos, se houvesse família de retaguarda, porque a responsabilidade seria partilhada. Pessoalmente, faz-me alguma confusão que a instituição que acolhe seja a instituição que fiscaliza. Isso é pernicioso, na minha opinião. As coisas deviam processar-se de forma clara e transparente”.

Nos casos em que o enquadramento familiar existe, o recurso a uma residência deriva de razões tão pragmáticas quanto a dificuldade em conciliar o cuidado de uma pessoa com deficiência com a vida profissional, as condições de habitabilidade – toda a casa tem de ser adaptada às necessidades da pessoa com deficiência – ou mesmo a idade.

“Quando os familiares envelhecem percebem que precisam de quem cuide delas. Começam a sentir que já não têm capacidade para continuar a cuidar, pelo menos da mesma forma, da sua pessoa com deficiência”. Ainda assim, felizmente, para todos, para a sociedade, ainda são 80% os casos em que a família existe e diz ‘presente!’. ♥

| PARCERIAS |



Telmo Ferreira, Director-Geral do Centro Comercial Alegro

CENTRO COMERCIAL ALEGRO

O centro do Clube Sorriso

Ainda recente, mas desde os primeiros sopros de vida que o Grupo Immochan, empresa imobiliária do Grupo Auchan, quis assinar o protocolo Oeiras Solidária com a Autarquia de Oeiras. Pouco faltava para o Natal e foi ali, num centro acabado de nascer, que o Natal aconteceu para 100 crianças carenciadas do concelho. A isto, chama-se começar com o pé direito.

texto de Carla Rocha
fotos de Carlos Santos

O PROTOCOLO

Entra-se no centro comercial Alegro e os The Gift fazem a honra da casa ao cantarem a musica que foi concebida, especialmente, para o centro:

Alegro

*Hei-de ter, hei-de ver um lugar assim
Onde o sol e o céu fazem parte de mim
Há-de haver por aqui mil cores a mais
Para sorrir e dançar como musicais*

Alegro baby

Alegro baby

Qual a receita?

Sorriso nos lábios

*Hei-de ter, hei-de ver um lugar assim
Onde o sol e o céu fazem parte de mim
Há-de haver por aqui mil cores a mais
Para sorrir e dançar como musicais*

Alegro baby

Alegro baby

Hoje quero cinema

A vida é festa

Quando o sol chegar para ficar...

A alegria que o hino transmite é fruto de uma politica que o Grupo Immochan quis cultivar desde o início. Não alheio a isso, está a arquitectura escolhida, como nos explica Telmo Ferreira:

| PARCERIAS |

Foi pedido ao arquitecto Mário Sua Kay que no projecto de arquitectura transmitisse uma ambiência alegre, e creio que isso foi conseguido quer nas cores alegres, quer na luz natural vinda das clarabóias. E é imbuídos neste espírito de constante festa e alegria que o Grupo entendeu, desde cedo, ainda estava o centro em construção, aceitar o convite lançado pela Câmara para que o grupo fosse parceiro no projecto Oeiras Solidária. O convite foi logo aceite: esta politica de inter-ajuda não é um gosto pessoal ou fruto da vontade de um ou outro funcionário. Trata-se de uma politica da empresa, ou como lhe chamamos, é uma cultura da nossa empresa.

O protocolo foi assinado por duas entidades que a primeira vista, parecem confundir-se: o centro comercial Alegro e o hipermercado Jumbo. Ambos promovem o espírito da inter-ajuda e da responsabilidade social. Não será alheio o facto de o Grupo estar certificado em Responsabilidade Social, sendo a primeira empresa em Portugal a obtê-lo e a segunda em todo o mundo no ramo da distribuição e, como tal, este protocolo é uma forma de levar mais longe esta forma de estar da empresa e que se coaduna com a nossa forma de estar enquanto empresa. Também contribuiu para o sucesso imediato do protocolo o facto de, como diz Telmo Ferreira: este protocolo tem uma grande vantagem, que é o

de ser muito ágil. A Câmara é muito pró-activa e tem uma comunicação constante com os parceiros e, para além disso, possui, dentro do protocolo Oeiras Solidária, projectos de naturezas distintas o que permite a cada um dos parceiros escolher aquele que se adapta mais tendo em conta a sua natureza. Também não podemos esquecer que não é muito natural encontrarmos protocolos que estão disponíveis para que os próprios parceiros lancem ideias e propostas. Como dizer 'não' a um protocolo destes?

O NATAL

A primeira acção do Grupo no âmbito do protocolo assinado com a autarquia, foi a campanha de Natal, que consistiu em angariar prendas para 100 crianças carenciadas do concelho. Mas não eram umas prendas quaisquer, eram aquelas que as próprias tinham pedido numa carta ao Pai Natal. E para quem não sabe, a aldeia do Natal, onde o velhinho das barbas vive, foi no Centro Comercial Alegro. E foi de lá que estas 100 crianças tiveram direito ao sonho concretizado, o de terem as prendas por que tanto tinham ansiado, um sucesso, portanto: Sim, devo dizer-lhe que para além dos bons resultados na componente do projecto em si, mesmo pessoalmente, para cada um de nós, foi muito gratificante. Cada criança deveria escrever uma carta a pedir a prenda, ou prendas que gostava





de ter. Nós deixamos as cartas disponíveis na aldeia de Natal, que foi um espaço que concebemos, especialmente para o efeito. Na aldeia do Natal havia um marco do correio onde, cada carta lá deixada ia, por um sistema pneumático, até a cabana do Pai Natal. Devo dizer-lhe que em média conseguimos quatro brinquedos para cada criança. E havendo desejos mais concretizáveis do que outros, não houve crianças que não tivessem tido aquilo que pediram.

O CLUBE SORRISO

Há quatro clubes instituídos no Centro, que ganham forma às quintas-feiras, rotativamente. São o clube Sabores, o clube do Bem-estar, da Cultura e o clube Sorriso. Foque-nos no último, aquele que foi criado como espaço social e de reflexão. Assim sendo, todos os meses, numa quinta-feira, das 19:00 às 23:00, uma instituição de solidariedade social estará a dar-se a conhecer no espaço nobre do centro, que é o corredor central: o clube sorriso é dar-nos a oportunidade

E é imbuídos neste espírito de constante festa e alegria que o Grupo entendeu, desde cedo, ainda estava o centro em construção, aceitar o convite lançado pela Câmara para que o grupo fosse parceiro no projecto Oeiras Solidária.

| PARCERIAS |

a que as instituições tenham voz. E embora seja verdade que os clubes acontecem todas as quintas, também damos a oportunidade de durante um espaço de tempo a combinar, algumas instituições utilizarem o nosso espaço para angariação de fundos, ou venda de brindes, que são muitas vezes, fundamentais para a sua sobrevivência. A solidariedade social esta presente na politica da empresa, mas acham que é sempre possível fazer mais: "era importante que o tema da solidariedade social, mais do que uma moda, fosse uma forma de estar".

O CENTRO

Um estudo de mercado mostrou por A mais B que o potencial da região onde agora se insere o centro, era excelente. Para o Grupo: os indicadores que Oeiras tem são muito interes-

Para o Grupo: os indicadores que Oeiras tem são muito interessantes, nomeadamente o facto de ser o concelho com maior poder de compra do país, a apetência dos cidadãos para as novas tecnologias, ou seja, este era o melhor sítio para apostarmos no primeiro centro do grupo.

santes, nomeadamente o facto de ser o concelho com maior poder de compra do país, a apetência dos cidadãos para as novas tecnologias, ou seja, este era o melhor sitio para apostarmos no primeiro centro do grupo.

Acreditam que no primeiro ano vão ter 10 milhões de visitantes. Ate agora, tudo indica que vão no bom caminho, ficando a faltar os cinemas que irão entrar em funcionamento ainda no primeiro semestre deste ano.

Concebido a pensar na família, tendo um pouco de tudo para todos os gostos, este centro aposta na diversidade e qualidade dos lojitas. A vertente novidade é também uma aposta certa, para fidelizar clientes. Ao todo, são 122 lojas que originaram 1000 empregos directos. E o nome? Bem, o nome quer dizer alegria, cor,, dinamismo... se for lá, verá que tudo isto é verdade! ♥





E se no fim, ainda quisesse ir um pouco mais além?

MIGUEL GULLANDER:

“Estamos todos a guiar do banco de trás”

texto de Carlos Vaz Marques
fotos de Carmo Montanha

José Eduardo Agualusa define-o com um neologismo: escandaluso. Miguel Gullander é tão português como sueco. Simultaneamente escandinavo e luso. Escandaluso. Tem dupla nacionalidade mas é um escritor exclusivamente português. Nasceu em Portugal, filho de mãe sueca e pai português, vive em Angola e foi publicar o primeiro romance no Brasil. “Perdido de Volta” está prestes a ser lançado em Portugal, na D. Quixote, e é romance que o próprio autor descreve como psicadélico. Um conjunto de imagens que cruzam as diferentes vivências de Miguel Gullander: África, Europa e até uma inscrição selvagem numa das paredes da Biblioteca Municipal de Oeiras. O escritor conhece bem o concelho, onde viveu toda a adolescência, e a conversa acontece numa das esplanadas da praia de Carcavelos. Perante a luz, o mar e as cores que identifica como algo de primordial numa vida em que não se tem cansado de correr mundo.





Onde é que se sente em casa?

Isso é uma ótima pergunta, por acaso. Acho que me sinto em casa naqueles momentos em que uma pessoa está em paz e bem acompanhado.

Esteja onde estiver?

Esteja onde estiver.

Mas quando pensa no seu lugar primordial, qual é o lugar que imediatamente lhe ocorre?

Curiosamente, penso que esse lugar primordial tem muito mais a ver com uma sensação de estar do que propriamente com uma geografia específica. Esse estar tem muito a ver com aquilo que estamos aqui a experimentar neste momento: esta luz, este mar, estas cores.

Mas se for para Estocolmo, por exemplo, não encontra isto.

Exactamente. Aí, penso que me sinto em casa quando há um certo tipo de

cores, certo tipo de luz e certo tipo de estar também próprio daqueles lugares. Onde me sinto em casa é quando estou a sentir-me íntegro. Inteiro comigo mesmo. Isso também depende muito de com quem se está.

Isso significa que se sente um desenraizado, sem uma raiz num lugar específico?

Uma raiz geográfica, não.

Qual é então a sua raiz?

Acho que essa raiz é aquilo que tenho procurado pela minha escrita e nos diversos quadrantes onde me tenho movido. É uma vivência de estar muito intensamente presente, independentemente do lugar. O verdadeiro regresso a casa é essa intensidade de uma pessoa se sentir inteira.

Em Benguela está em casa?

Não.

E aqui, em Carcavelos, junto ao mar?

Aqui, estou. Hoje. Aqui. Agora. Estou em casa.

E em Estocolmo?

Da última vez que lá estive senti-me em casa. Em Cabo Verde também me senti em casa.

Mas em Benguela, não. Porquê?

O nível de violência que ainda ecoa em Angola impede-me de me sentir em paz, de me sentir relaxado, de me sentir integrado.

Está lá transitoriamente?

Não sei. Depende. Normalmente não costumo fazer muitos planos para o futuro. Por isso é que a vida me tem levado por muitos sítios. Se uma pessoa não fizer um esforço intenso de cristalização e de solidificação num só lugar o panta rei natural da existência...



Todos nós nascemos por acaso. Aqui entra a conversa sobre se tudo é por acaso ou se é destino.

O quê?

Panta rei... Tudo flui, como dizia o Heraclito. É uma expressão grega. Esse “tudo flui” é natural da existência. Ao fim de vinte e um anos de vida já tivemos três corpos a nível molecular, total e integralmente diferentes. Dizem que a cada quarenta e oito horas todas as células do nosso olho se regeneram, que o nosso fígado ao fim de quatro meses é outro. O que se perpetua, portanto, é exclusivamente uma memória, a presença consciente que atravessa todos esses estados.

E o Miguel sente-se outro nos diferentes lugares por onde tem vindo a passar?

Curiosamente, acho que existe um movimento duplo e paradoxal. Não só nós podemos ter muitos corpos, muitas geografias, muitas existências, muitas máscaras ao longo da vida, como também num só instante, num só lugar nós pode-

mos descobrir caleidoscopicamente uma natureza que muda continuamente.

O que é que em si é mais frequente?

Acho que é um movimento duplo. Centrípeto e centrífugo, em simultâneo. É uma busca de identidade. E eu comecei a pensar nestas coisas muito cedo, porque não sabia se era português, se era sueco, não sabia o que era e tentava compreender-me, identificar-me um bocado, ancorar-me e ter pontos de referência.

Começou a pensar nisso ainda cá?

Acho que pensei nisto pela primeira vez, com quatro anos, nesta mesma praia, quando cheguei da Suécia. Vim aqui e lembro-me deste choque de luz deslumbrante e de sentir que estava a viver qualquer coisa que me estava a alterar profundamente um estado de consciência que tinha sido contínuo. De repente, houve ali uma transição de tal modo grande e brusca que eu ainda me

lembro dela. Lembro-me claramente dessa luz fortíssima, aqui.

Essa foi a primeira vez que veio a Portugal depois de ter nascido cá?

Exactamente.

Tinha nascido cá por acaso.

Todos nós nascemos por acaso. Aqui entra a conversa sobre se tudo é por acaso ou se é destino.

No seu caso, o acaso é visível porque a sua mãe tinha vindo passar férias em Portugal e foi por isso que nasceu aqui.

Exactamente. Muitas vezes dá ideia de que estava tudo a seguir um caminho lógico. No meu caso, como isto tudo se move em quadrantes tão díspares e estranhos, às vezes parece que é por acaso. Então, desde miúdo comecei a pensar nessas questões da identidade e – como viajei bastante e tenho em casa

Para dizer a verdade, eu acho que estamos todos a guiar do banco de trás. Andamos todos com um volante de borracha, convencidíssimos de que estamos a conduzir mas estamos todos a guiar do banco de trás. Às vezes, acontece que o carro vira na direcção que nós também fizemos e ficamos todos felizes e fazemos planos para que, da próxima vez, as coisas corram da mesma maneira mas não correm. Então, começamos a pensar o que é que correu mal. Mas é tudo uma questão de atitude.

um pai que é português e uma mãe que é sueca – comecei a descobrir que existe continuamente um jogo duplo e indissociável. Temos de ter a capacidade de ver continuamente o diferente no semelhante. E por outro lado, em simultâneo, ver o semelhante no diferente. Portanto, quanto mais eu viajo por este mundo mais descubro uma linha contínua e semelhante que nos torna, no fundo, tão parecidos. Não só naquilo que queremos e buscamos mas também no como sofremos, ao longo da vida.

A sua vida se fosse um filme era um road movie?

Tinha de ser. Um documentário psicadélico *on the road*.

Psicadélico porquê?

Porque eu acho que já que vivemos um caleidoscópio, pelo menos puxemos-lhe as cores ao máximo. Vivamos-lhe as cores com toda a intensidade e com toda a intencionalidade. Não vamos viver uma coisa morna e de cores pálidas.

É um homem de vivências extremas?

Eu não as escolhi mas elas, de certo modo, vieram ter comigo. Uma pessoa não tem outra hipótese.

Tem a hipótese de tentar viver uma vida tranquila.

Mas... Não sei. Lembro-me que houve um período da minha vida um bocado intenso – quando eu já estava aqui há alguns anos – e eu senti que qualquer coisa estava prestes a acontecer. Eu estava já a iniciar a ideia do livro anterior, “A Balada do Marinheiro de Estrada”, tive um acidente de carro a

cento e sessenta em Espanha, sem cinto de segurança. Fui projectado a uma distância de trinta metros, de um lado ao outro de uma auto-estrada.

Como é que saiu disso?

Rebentei-me todo. Traumatismo craniano, embolia pulmonar. Rasguei a pleura do coração, parti a bacia e o fémur em oito sítios.

Ficaram sequelas disso?

Algumas cicatrizes e muita aprendizagem.

Agora já põe a cinto de segurança?

Eu, por acaso, ia na parte de trás de um carro, a dormir. Era uma viagem com amigos. Era naquela altura em que os carros não tinham obrigatoriamente cintos de segurança. Foi a primeira vez em que eu andei de carro sem cinto de segurança. Desde miúdo que a minha mãe sempre me ensinou (ela é sueca): “põe o cinto de segurança porque a sessenta à hora uma criança de quatro anos fica a pesar o mesmo que um elefante”. Era a propaganda que eles faziam lá na Suécia.

O Miguel experimentou isso com o risco da própria vida.

Infelizmente. Foi uma experiência de uma intensidade extrema e nada agradável. No entanto, eu não tive outra hipótese senão vivê-la e saboreá-la. Só temos duas hipóteses: ou uma má atitude ou beber a cena até ao fim do cálice. Penso que o que nos acontece na vida é que há uma percentagem séria de nos acontecerem coisas que estão completamente fora da nossa capacidade de decisão. Variáveis



em movimento que nós nem vemos, que vêm lá do outro lado do Universo.

Acredita que é uma percentagem grande do que nos acontece?

Para dizer a verdade, eu acho que estamos todos a guiar do banco de trás. Andamos todos com um volante de borracha, convencidíssimos de que estamos a conduzir mas estamos todos a guiar do banco de trás. Às vezes, acontece que o carro vira na direcção que nós também fizemos e ficamos todos felizes e fazemos planos para que, da próxima vez, as coisas corram da mesma maneira mas não correm. Então, começamos a pensar

o que é que correu mal. Mas é tudo uma questão de atitude.

Foi isso que o levou à literatura ou foi a literatura que o levou a essa reflexão?

Com cinco anos, eu já tinha decidido que queria ser escritor. Não tinha dúvidas absolutamente nenhuma.

Porquê?

De repente, na minha cabeça colapsou esse pensamento, um dia.

Lembra-se do momento exacto em que isso caiu sobre si?

Sim. Eu estava numa livraria com o meu pai. Tinha estado a folhear um livro e lembro-me que havia uma ilustração de um cãozinho dentro de uma janelinha a escrever à máquina. E eu disse: pois é, é isto que eu vou ser, escritor.

Quer dizer que quis ser escritor antes de ser leitor.

A minha mãe já fazia um truque terrível, que as mães suecas fazem: lia-me sagas, à noite.

Aquelas que depois o Miguel viria a traduzir para português?

Algumas delas traduzi-as para a Cavalo de Ferro. A minha mãe lia-me algumas



dessas sagas e interrompia a leitura sempre na parte mais interessante. Ela começou a fazer-me isso quando eu tinha três, quatro anos. Então, eu comecei a ler muito cedo. O primeiro livro que li na íntegra, tinha acabado de fazer seis anos, foi o Pinóquio, do Collodi. Achei aquilo deslumbrante. Lembro-me de acabar de ler esse livro e de dizer: eu quero fazer esta magia.

Quando é que começou a escrever, realmente?

Logo aos seis anos comecei a escrever um diário.

Continua a ter um diário?

Não. Porque a partir de muito cedo aquilo já não era um diário. Eu colocava a data mas escrevia o que me apetecia. Desde muito miúdo, aí pelos doze anos, eu percebi que não me apetecia estar a fazer um inventário do que tinha acontecido no dia. De certa maneira, precisava de perder o controlo na escrita.

Passou da inventariação à invenção.

Não era tanto ficção mas mais dar rédea solta ao que quer que fosse que me passasse pela cabeça. Foi um bocado assustador. Lembro-me que escrevia coisas horríveis. Apetecia-me escrever, às vezes, páginas inteiras de palavrões e de insultos e pensar pessimamente de algumas pessoas. Descobri assim que a escrita, quanto tem energia, é uma escrita que obedece normalmente a dois princípios: nós escrevemos sobre o que odiamos e sobre o que nos apaixona. É essa a natureza das nossas obsessões.

*Cada vez escrevo mais sobre o que me apaixona.
Mas também descobri que nos podemos apaixonar
justamente por aquilo que odiamos.*

O que é que é mais frequente naquilo que escreve agora: o que odeia ou aquilo que o apaixona?

Cada vez escrevo mais sobre o que me apaixona. Mas também descobri que nos podemos apaixonar justamente por aquilo que odiamos.

Isso parece um bocadinho perverso.

No sentido em que nos podemos interessar profundamente por coisas terríveis. Desde que tenhamos um desejo alquímico de as transformar. Por exemplo, em Angola tenho-me interessado muito no porquê de haver tanta criança mutilada. É um tema que me apaixona. Não no sentido de tirar prazer disso, naturalmente.

Explique-me como é que um português sueco ou vice-versa, porque tem dupla nacionalidade, que vive em África vai publicar o seu primeiro romance no Brasil?

Isso deve-se ao facto do coordenador editorial da editora Língua Geral ser o José Eduardo Agualusa. Eu não o conhecia mas tive a sorte de que ele lesse o meu romance. A jornalista Carla Isidoro, a quem eu passei o manuscrito do “Perdido de Volta”, disse-me que o Agualusa tinha de ler o livro. Ele leu-o e decidiu publicá-lo.

Porque é que escreve em português?

Porque é uma língua lindíssima.

Não gosta tanto do sueco?

O português em comparação com o sueco é uma língua que tem muito mais conceitos. Obviamente, o conceito de saudade é um dos típicos. Mas, por exemplo, a palavra consciência: em sueco diz-se *medvetenhet*, ou seja, com conhecimento de. *Veten* é conhecimento. A minha escrita dá muita importância ao uso adequado dos conceitos – acho isso fundamental – porque a etimologia das palavras normalmente diz-nos muito acerca do significado profundo delas. Como, por exemplo, a palavra *inteligência* que vem do latim *inter legere*, ler entre. A inteligência é a capacidade de ler nas entrelinhas. Ou, como eu refiro, no “Perdido de Volta”, a palavra *calendário*, que vem do sânscrito, da deusa Kali, a mais terrível de todas, que é justamente a deusa que simboliza o tempo. Um domínio e uma capacidade de saborear muito profundamente as palavras é muito importante. Eu sinto isso na língua portuguesa.

Os diários que começou a escrever na infância já eram em português?

Eu sempre quis escrever em português.

Nunca escreveu em sueco?

Sim. E até escrevi em inglês porque andei num colégio inglês e estudei em Inglaterra. Mas a língua em que eu gosto de escrever, sem dúvida nenhuma. É daquelas coisas que têm a ver com uma empatia automática e espontânea. É algo que é natural. Uma pessoa sabe intuitivamente qual é a forma em que se exprime melhor. Apesar de haver muita gente a dizer-me, quando eu andava no liceu, que a nível da sintaxe e da estruturação das frases, a minha forma de escrever era muito germânica. É claro que não era germânica mas era muito escandinava. Havia professores que me diziam que eu estava a escrever um pouco em morse. Então, eu gosto de jogar com isso. Com uma sintaxe por vezes mais sincopada e mais dura para depois também a alternar com a fluidez que o português permite.

Mas chegou a fazer experiências literárias em sueco?

Sim. Quando era mais novo, cantei – entre aspas – numa banda de rock pesado, de death metal, um estilo de música que na Suécia é muito forte. E eu escrevia as letras em sueco. Foi assim que eu comecei a treinar a questão da ligação entre a música e a palavra. Quando escrevo estou como que a trau-

tear mentalmente os textos. Gosto de sentir a musicalidade do texto. E a língua portuguesa foneticamente é riquíssima. Tem palavras que vieram de todo o lado. Até do bantu, como quando dizemos *minhoca*, que vem de *nhoca*, em bantu.

Pode-se dizer que o Miguel, não sendo exclusivamente português, porque tem a dupla nacionalidade, é exclusivamente um escritor de língua portuguesa?

Isso, sim. Se bem que goste de usar as perspectivas culturais que tenho de outros lugares para algum experimentalismo na utilização da língua portuguesa.

“Perdido de volta” é um título que se aplica também à sua própria circunstância, ao regressar a Portugal?

Eu não diria que é quando regresso a Portugal mas é quando regresso a essa terra prometida que não é um lugar geográfico mas antes um estado de consciência. O título – “Perdido de Volta” – veio de uma carrinha da Ilha do Fogo...

As carrinhas têm nomes como cá se dá nome aos barcos?

Exactamente. Têm todas nome. E em Angola, também.

E é mesmo verdade que encontrou uma chamada “Perdido de Volta”?

Sim. Tudo o que está no livro, diálogos e tudo, ocorreu mesmo. São coisas que não me aconteceram necessariamente a mim mas também que pessoas da Ilha do Fogo me contaram. Para elas, esses episódios têm a densidade de algo completamente verídico.

Mas eu não me lembro de ter visto na Biblioteca de Oeiras nenhuma pichagem a dizer: “queremos um tsunami”. Apagaram-na. Mas estava lá e é uma pena terem-na apagado.

Que significado é que atribui a essa pichagem para ela lhe captar a atenção ao ponto de ir parar ao seu romance?

Actualmente, sinto de uma maneira muito forte, que há nas pessoas um apelo tremendo para um regresso. As pessoas sentem-se perdidas. Em certo sentido, a sociedade está perdida. As pessoas estão desorientadas. Querem um regresso a algo que tenha, fundamentalmente, mais intensidade, mais força. Algo de mais telúrico.

A frase que viu nas paredes da Biblioteca de Oeiras podia ser sua?

Não. Porque eu não ia desejar que um tsunami acertasse em Lisboa. Se fosse um tsunami de outra ordem...

De que tipo?

Um tsunami pessoal. Uma subversão profunda de certas estruturas mentais profundamente destrutivas que as pessoas andam a perpetuar.

Dê-me um exemplo.

Por exemplo, todas as ideias de racismo, as noções identitárias nacionalistas, a fome que as pessoas têm de mais, mais e mais. É isso que está a causar uma insatisfação profunda nas pessoas, que vivem num processo aditivo de acumulação contínua.

O que o levou para África foi a busca desse tal espaço telúrico que referia?

Um, encontrar o espaço telúrico, estar num sistema menos estruturado do que este mundo tão pesado em termos tecnológicos, com tanta máquina por todo o lado. E também, na medida do possível, poder partilhar um pouco de algo que eu não mereci receber. Se lá as pessoas precisam de formação e se estão interessadas na língua portuguesa porque não contribuir activamente? Desde os dezasseis anos que eu tinha uma vontade tremenda de ir para África. Sou uma a quem acontece ocorrerem-me slides, imagens mentais extremamente forte. Depois, eu persigo-as. O livro “Perdido de Volta” nasce disso. São imagens que me surgem na mente ou que eu às vezes sonho e que me são estranhas. São por vezes difusas no início, mas são extremamente intensas e puxam-me.

África foi um desses slides?

Foi.

Como a literatura e o desejo de se tornar escritor tinha sido também um desses slides.

Também. Há várias imagens do livro que são desses slides. O livro iniciou-se todo com um capítulo escrito num café, num guardanapo, integralmente, tal qual como ele ficou. Foi uma imagem fortíssima mas estranha para mim mesmo. Até senti que aquela imagem não me pertencia. É como se a pessoa, de repente, fosse abençoada com um presente.

Sente isso frequentemente, ao escrever?

Os meus melhores momentos de escrita são justamente aqueles em que eu

me torno apenas no dactilógrafo. A intensidade da coisa é tal, mesmo a nível físico, que perco peso. Às vezes fico com febre e tudo.

Ao escrever?

Sim. O que eu vejo é o texto a correr no computador e eu estou a ler aquilo como quem lê legendas num filme. São verdadeiros momentos de purificação, de catarse.

Isso parece uma experiência mediúnica.

Uma pessoa sente-se autenticamente o cano por onde passa a água que vem do fundo, não se sabe de onde. O trabalho do escritor, o meu, é escavar o chão.

Como é que interroga isso que lhe acontece? Já terá certamente perguntado para si próprio: de onde é que isto vem.

Penso que existem dinâmicas muito maiores que ultrapassam o nosso plano de consciência. Essas dinâmicas, muito frequentemente, devem estar ligadas. Integram imagens, estruturas mentais, arquétipos que não são individuais, não são meus. Pertencem, por assim dizer, a um leito subterrâneo. São como que rios subterrâneos. O trabalho do escritor é perfurar a terra, perfurar-se a si, até que de repente atinge esses veios e aquilo jorra. É como uma pessoa olhar à superfície e ver as árvores todas separadas umas das outras sem imaginar que, debaixo do chão, as raízes estão interligadas e bebem do mesmo.

Na literatura também sente a existência dessa raiz subterrânea?

A literatura, a escrita ou outras práticas



que nos exijam concentração, obrigam a que uma pessoa vá escavando, através de filtros de ruído mental – a preocupação com a conta da água, ir aqui, ir ali, tenho que fazer isto e aquilo – que é um blábláblá contínuo que ocorre ao nível da superfície mental. Escavando para lá desses níveis, penso que se atinge uma dimensão em que se chega às questões e às problemáticas que nos são universais. Se nós virmos bem, a literatura não foge muito de cinco temas: amor, morte, liberdade, natureza e a noção do mistério ou do divino. Não foge disto. São cinco temas.

Qual é o seu tema central?

Eu gosto de jogar com a mão toda.

Uma pessoa sente-se autenticamente o cano por onde passa a água que vem do fundo, não se sabe de onde.

O trabalho do escritor, o meu, é escavar o chão.



“ESCREVI MUITO NA PRAIA”

O local da entrevista foi escolhido pelo próprio Miguel Gullander. A praia de Carcavelos é a praia da infância do escritor. Sente-se em casa com os olhos postos no mar. Não gosta de falar de saudades mas confessa que este é um dos seus lugares de eleição.

Quando regressa a esta praia a sua sensação mais forte costuma ser de reencontro ou de descoberta de algo de novo?

É sempre nova. Isso é que é o extraordinário acerca dos lugares. Esse é o lado bom de nós sairmos deles e voltarmos a eles depois.

O que é que é novo quando cá volta?

Estranhamente, a praia parece-me muito maior desta vez. O que é óptimo.

Viveu no concelho de Oeiras desde que idade?

Desde os seis até aos vinte.

É portanto o sítio onde viveu mais tempo.

Este é o meu local de eleição. Como os meus pais moravam perto, eu costumava vir passear para a praia de Carcavelos. Ia escrever, sentado no Narciso. Gostava muito de me sentar naquele café.

Foi aqui que começou as suas buscas literárias?

Escrevi imenso aqui, sim. Devo ter escrito aqui uma grande quantidade de quilómetros de linhas.

Quando está fora tem saudades?

Raramente tenho saudades de lugares. É como pensarmos, por vezes, que temos saudades da casa da infância. Nós não temos saudades da casa da infância. Temos saudades da maneira como sentíamos a vida quando éramos crianças. Podemos ir agora parar à mesma casa e já não vamos sentir a mesma coisa. Aquilo de que nós temos saudades é de saber

sentir as coisas com tanta paixão, tanta intensidade. Do que eu tenho saudades é dessa disponibilidade. Tenho saudades, por exemplo, da primeira vez que vi o mar na Ilha do Fogo, em Cabo Verde.

E onde é que foi a primeira vez que viu o mar?

Acho que foi aqui, em Carcavelos. Devo tê-lo visto lá Suécia. Vivia em Gotemburgo, portanto hei-de ter visto mas não vi estas cores, nem esta luz.

Da sua memória de Oeiras, o que é que mudou mais nestes anos em que tem estado fora?

Acho que havia um ambiente bastante deprimente, aqui, nos anos 80 e 90. Eu andei no Liceu de Oeiras, que na altura estava muito degradado. As professoras tinham uma atitude ainda muito rebarbativa. Ainda havia aquela coisa política muito acentuada. As pessoas estavam ainda muito hostis umas às outras, muito politizadas.

Encara a politização como algo de negativo?

Na maior parte dos casos sim, porque são formas de confronto. As pessoas definem-se excessivamente a si próprias como sendo isto ou aquilo. O que é erradíssimo. As pessoas não sabem o que é que são. Ao definirem-se como isto ou aquilo estão a criar um objecto, não estão a descobrir o sujeito. Estão, portanto, a limitar-se profundamente.

Onde é que se imagina, projectando-se no futuro, a envelhecer tranquilamente?

Não costumo pensar muito nisso. Gostava sim de envelhecer na companhia das pessoas certas. ♥



OEIRAS 'DRESS IS MORE'

À semelhança dos anos anteriores, os alunos finalistas do curso de Design de Moda da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa vão apresentar as suas colecções. Até aqui, nada de novo. O interessante é o grupo de finalistas de Oeiras que vão apresentar os seus trabalhos sob o nome 'Dress is More'. Quisemos conhecê-los. Fomos em busca deste grupo constituído por três finalistas, duas raparigas e um rapaz que, em comum, para além da paixão pela moda, têm o facto de serem nossos munícipes. Lançamos o repto de deixarem mostrar, em primeira-mão, os seus trabalhos e convidamo-los para uma sessão fotográfica. O espaço escolhido sem hesitações foi a fundição de Oeiras, mais precisamente o Hangar K7. O resultado, está a vista de todos. Acreditámos que ainda iremos ouvir falar muito deles!

E agora, 'calamo-nos' que vai subir à passelle, a MODA!

texto de Carla Rocha
fotografia de Carlos Santos



Nome

Andreia Temporão Jaques (os amigos costumam tratar-me por Andi, na faculdade há quem me trate só por Jaques....)

Freguesia onde vive

Quinta do Marquês

Idade

22 anos

Formação

Estou a terminar a licenciatura em Design de Moda, nada mais...

Sonho a curto prazo

Terminar o mestrado e ir à descoberta de algo "lá fora".

Sonho a longoooooo prazo

Huuuum...não sei...não sonho muito com tudo isto... Sonho em ser feliz como qualquer pessoa! No mundo da moda tenho o "bichinho" pela roupa infantil! Quem sabe um dia não crio a minha marca!

Estilista de eleição

Um estilista de eleição não tenho! Existem grandes nomes de vanguarda, que fazem geralmente parte dos meus "scrap-books"! Sou grande apreciadora da estética japonesa, designers como Yohji Yamamoto, Issey Miyake, Junya Watanabe, Rei Kawakubo, uns quantos que eu podia ficar aqui a apontar...

Peça de roupa favorita

No meu guarda-roupa, adoro calças...

Cor favorita

Entre muitas...Sem dúvida o verde, nos seus mais variados tons.

E aproveitam a oportunidade para dizerem...

Aproveito a oportunidade para dizer...Mais sobre mim...

Nasci no Minho, na vila de Monção, e a costela minhota, as minhas raízes estão muito presentes na minha personalidade! Amo a minha terra mas o ter vindo morar para Oeiras aos 11 anos de idade foi uma oportunidade ótima, alargou-me os horizontes e proporcionou-me este futuro que encaro hoje. Vivo com a minha mãe e dois irmãos pequeninos de 6 e 7 anos (daí a minha inclinação por roupa para criança!), são as minhas paixões, a melhor família do mundo! Como a vida não está fácil, para além de estudar faço também um part-time de fim-de-semana, na Tabacaria 202 das Galerias do Alto da Barra. Lá faço algo que também me agrada muito que é atendimento ao público!

Aquilo que eu penso, sobre a moda, o design, a cultura artística... Apaixonei-me pelo curso, pela minha turma espectacular e um professor que na altura me disse algo do género "tu até tens jeito. Quero agradecer à Câmara o interesse no nosso trabalho, a oportunidade que nos está a dar, apresentando-nos enquanto jovens designers, verdinhos, prontos a entrar no mercado! ♥





Nome

Pedro Miguel de Silveira Machado Eleutério (Pedro)

Freguesia onde vive

Algés

Idade

23 anos

Formação

Finalista na Licenciatura de Arquitectura de Design de Moda na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica da Lisboa

Sonho a curto prazo

Primeiro que tudo o sonho a curto prazo é terminar a licenciatura e fazer o mestrado. Depois disso concluído pretendo arranjar emprego numa marca de roupa multinacional (do género Zara ou Diesel) para ganhar experiência tendo em conta o ritmo de trabalho que se pratica.

Sonho a longo prazo

O sonho final prende-se num projecto que começou a ser pensado no início da faculdade e que tenho vindo a desenvolver a sua ideia ao longo dos anos. É um projecto pensado para Portugal porque é aqui que ele faz sentido. Mas ainda não quero dizer mais... e se me roubam a ideia?

Estilista de eleição

John Galliano

Peça de roupa favorita

São os casacos de inverno, mas o meu especial apreço é pelo pormenor e detalhe das roupas, principalmente aquelas que só quem veste é que vê.

Cor favorita

Laranja

E aproveitam a oportunidade para dizerem...

Muitas vezes sou abordado com a questão da futilidade da moda ou dos porquês de se ter de vestir isto ou aquilo em determinada ocasião, lugar ou trabalho (questão que o meu pai levanta sempre que estou com ele – odiando o facto de usar fato e gravata todos os dias). A nossa roupa reflecte sempre uma identidade, seja ela do nosso agrado ou não e é regida por códigos que vão sendo criados e destruídos pela sociedade. Quem julga que sai de casa e veste a primeira coisa que lhe veio à mão porque não se preocupa muito com isso, nunca pode esquecer que a escolha já foi feita no acto da compra dessa mesma roupa.

A moda só é fútil para os que dela retiram futilidade. Vamos valorizar o que é nosso enquanto ainda é “nosso”. ❤️





Nome

Gabriela Alexandra da Cunha Santos (Gabby)

Freguesia onde vive

Cruz Quebrada - Dafundo

Idade

27 Anos

Formação

Finalista, 5º ano do curso de Design de Moda na Faculdade de Arquitectura - UTL

Experiencia Profissional

Assistente de guarda-roupa em televisao (Endemol, NBP, Teresa Guilherme Produções)

Sonho a curto prazo

Ter oportunidade de aprender/estagiar/trabalhar com algum dos meus designers de eleição.

Sonho a longo prazo

Poder adquirir mais e mais conhecimento bem como meios financeiros para conseguir construir, de uma forma muito sólida, a minha própria "label".

Estilista de eleição

Por uma série de motivos que vão desde o sentido estético até as técnicas ou a junção da alta tecnologia destaco alguns dos meus (muitos) favoritos Balenciaga, Hussein Chalayan, Alexander McQueen, Issey Miyake, Rei Kawakubo, Margiela...

Peça de roupa favorita

Por serem tão práticos: jeans!

Cor favorita

Vermelho e Azul-petróleo

E aproveita a oportunidade para dizer

Agradecer a todos aqueles que me apoiaram ao longo do meu percurso académico e pessoal, bem como a todos que acreditam no trabalho dos jovens portugueses quer seja na Moda, nas Artes, na Investigação, na Medicina... Gostaria de aproveitar e apelar à consciência das pessoas e de certas entidades para o que se faz de bom no nosso país relativamente às Artes e ao Design. Para além das poucas verbas existentes para dar azo à criatividade em Portugal também os espaços para a divulgação e/ou permanência da mesma são escassos o que deixa os jovens sem margem de manobra, optando por procurar nos outros países o que não encontram no seu. Um país nunca se fez sem Cultura, sem Arte e é uma pena assistir a este panorama que condiciona a evolução da nação e das mentalidades. Há que apostar nas "novas" ideias. ❤





QUANTO VALE UM SORRISO?

texto de Carla Rocha
fotos de Albano Pereira e Raquel Almeida

*«O meu bairro é todo o mundo,
Todo o mundo me pertence,
Aqui me encontro e confundo,
Com gente de todo o mundo,
Que a todo o mundo pertence.»*

António Gedeão





Albano Pereira e Raquel Almeida são colegas. Melhor. Albano Pereira e Raquel Almeida são dois amigos. Mais ainda. Albano Pereira e Raquel Almeida são dois amigos e colegas de áreas distintas do Departamento de Habitação da Câmara Municipal de Oeiras que num belo dia, algures numa conversa, entenderam aliar a paixão pela fotografia enquanto *hobbie*, pelo amor que os une aos Bairros Sociais. Explicando ainda melhor, estes dois colegas e técnicos resolveram mostrar os sorrisos, a alegria que permanece nos Bairros Sociais, fotografando o dia-a-dia dos habitantes desses mesmos Bairros existentes no Concelho de Oeiras. Eles que tão bem conhecem esta realidade, assinalam que muitas vezes a percepção do que sai desses espaços é, muitas vezes, o lado menos positivo, potencializando uma imagem depreciativa. Contrariar essa ideia foi o mote de partida para algo que, inicialmente, pensaram ser só uns registos pessoais. Durante um ano tiraram fotografias aos meninos e meninas

que celebram a vida e o riso nos Bairros que são a sua casa, bem como registaram mães e pais que vêm a oportunidade de viver num bairro social, como uma oportunidade de melhorarem as suas vidas e darem um futuro condigno aos seus filhos. E de fotografia em fotografia o projecto cresceu e hoje preparam uma exposição itinerante sobre a realidade feliz e prazenteira que registaram ao longo deste ano e meio. «Olhares com Futuro» mostra aquilo que mil palavras poderão não conseguir, registando o dia-a-dia de crianças e adultos que, realojados, fazem deste novo estado de vida, um meio para se sentirem mais realizados, plenos e felizes. À exposição juntou-se um catálogo, que mais parece um livro que, de página a página, brota esperança. Às fotografias de Albano e Raquel juntou-se pitadas de palavras de Maria Viegas que sustentam a ideia de felicidade. No Ano Europeu do Diálogo Intercultural, este registo surge repleto de esperança num 'amanhã' que cremos próximo. E



mais do que mostrar aos habitantes dos Bairros o que eles tão bem conhecem, serve a exposição para mostrar a todos aqueles que vêm nestes espaços residenciais tristeza, dúvidas, angústia e raiva, que a realidade é, muitas das vezes, distante de uma ideia pré-concebida, errónea e preconceituosa.

O futuro também passa por estas zonas residenciais. Futuro cheio de interculturalidade, de diferenças que, mais do que afastar, criam aproximação, realizando afectos e laços que o tempo não apaga. São *clicks* à solta, na ambiência do dia à dia nos Bairros, onde o sorriso também mora. E porque uma fotografia vale mais do que mil palavras, observem os rostos felizes dos nossos munícipes. ♥

Exposição patente no Oeiras Parque a partir de 25 de Abril até 6 de Maio; posteriormente irá percorrer o concelho. Os sítios e datas desta exposição serão oportunamente divulgadas.

«Olhares com Futuro» mostra aquilo que mil palavras poderão não conseguir, registando o dia-a-dia de crianças e adultos que, realojados, fazem deste novo estado de vida, um meio para se sentirem mais realizados, plenos e felizes.

| OEIRAS IMAGINÁRIA |



O PESO DO AR

[Os Espacialistas na Fundação de Oeiras.(K7)]^(ao ar)

texto de Luis Maria Baptista

fotos de Filipe Pereira; João Cerdeira; Luis Maria Baptista; Sérgio Serol

Os espacialistas Filipe, João, Luis e Sérgio são um grupo de activistas exercitadores de espaço (arquitectónico e urbanístico) cuja principal função é a criação artística de processos de forma a partir de situações espaciais preexistentes.

Partem para os espaços com o intuito de aí usufruírem, comprovarem e fazerem (re)aparecer a sua real vocação programática, muitas vezes extinta, desactivada ou na iminência de (des)aparecer.

Foi o que aconteceu num destes sábados de manhã, quando se dirigiram ao edifício da Fábrica de Metalurgia e Construção Metalomecânica de Oeiras, conhecida por Fundação de Oeiras, mais concretamente ao espaço onde se situa o Hangar K7: abrigo nacional e internacional na última década de eventos culturais de máxima importância para o desenvolvimento da cultura do nosso concelho, como as exposições: "Anatomias Contemporâneas", " More Works About Buildings and Food ", "Linha de Água" ou o "Projecto Terminal", comissariados por pensadores / artistas como Paulo Cunha e Silva, Paulo Mendes ou Pedro Lapa . Aí se (re)produziram e realizaram

projectos artísticos de arte contemporânea, de reflexão das tendências actuais, nas áreas das artes plásticas, da música, da performance da multimédia e dos audiovisuais. Aí foram criados espaços de educação e de debate dos estados da arte em Portugal.

Exposições, concertos, actividades performativas, conferências e colóquios, povoam o ar de quem se atreve a percorrer a imensidão e a memória destes espaços.

A Fundação de Oeiras é ainda abrigo inspirador / atelier de artistas plásticos contemporâneos, tão importantes como Miguel Palma ou Joana Vasconcelos. Aí nasceram algumas das suas melhores criações, que integram actualmente o espólio de importantes colecções de arte contemporânea.

No ar ainda se sente todas estas passagens humanas e artísticas.

No espaço podemos ainda encontrar vestígios destas obras, restos de criações, objectos que as integraram, paredes pintadas, rascunhos, cartografias e fichas técnicas de quem participou e as organizou.



Por todo o lado depois dos fogões, das máquinas de lavar, das banheiras esmaltadas, das granadas de morteiro e do todo o burburinho humano operário, podemos vislumbrar estas novas camadas da cultura contemporânea portuguesa que aí emergiram e deram nova densidade e espessura ao espaço não só nas paredes que separam os diversos hangares da Fundição, mas principalmente no ar delimitado por elas, filtrado pela iluminação zenital que caracteriza a maioria dos hangares.

Foi nesta tentativa de captação das atmosferas (pre)existentes que os espacialistas se atreveram a ultrapassar a porta do pesado portão de ferro fundido que dá acesso ao último conjunto de hangares onde se encontra o Hangar K7: o último e aquele que se encontra no enfiamento de um amplo corredor-rua central que lhes dá acesso. O K7 é o último dos hangares e o mais estrebuchante, por certo por ainda se sentirem aí rastos dessas passagens / paisagens humanas da cultura e ser ainda abrigo de vestígios culturais recentes.

Os espacialistas aventuraram-se corredor central adentro, com o corpo perscrutador que os caracteriza na tentativa imediata de fazer a leitura / análise contextual do espaço monumental que se abria à sua frente e na tentativa de perceberem as transformações silenciosas sensoriais que ocorriam no interior do corpo de cada um.

Não sabiam onde parar. Pousar aquilo / os objectos que traziam consigo. Atravessaram praticamente em silêncio, com enorme solenidade e respeito pelo espaço, todo o amplo corredor central simultaneamente escuro e iluminado, enquanto olhavam para todo o lado e se desviavam pontualmente para os lados para espreitar através de frinchas dos gigantes portões de zinco, os amplos hangares que lateralizam esse corredor e estão para lá desses portões. Quando chegaram ao fundo, passaram o portão de zinco, riscado de amarelo e preto, onde estava escrito a letras vermelhas "HANGAR K7". Atravessaram-no em diagonal e dirigiram-se ao primeiro e último canto da Fundição. Pousaram aí as coisas que traziam



e começaram a trabalhar. Tinham de fazer aparecer as formas sem aparência que tinham pressentido ao longo de todo o percurso que haviam acabado de realizar, caracterizado por enquadramentos/ecrãs sucessivos, com limites pintados de amarelo, que atravessaram como se atravessa novos estádios de imagem e tempo.

Movimentaram-se cada um para seu lado, numa tentativa de reconhecimento do espaço, de cada um fazer as suas pequenas descobertas e poder depois reuni-las com as dos outros. Os espaços eram amplos. Ficaram quietos e em silêncio. Correram em direcção ao vazio, jogaram-se contra as paredes, esquinas e cantos. Saltaram para sentir o próprio peso e averiguar a solidez do chão ao entrarem em contacto com ele. Saltaram para chegar à luz alta e natural que vinha dos tectos em zigue-zague industrial, na esperança imaginária de olhar para fora.

Esboçaram e praticaram algumas tentativas de exercícios de aquecimento físico e essencial de espaço. Cheiraram o ar. Perceberam.

Era o ar, a densidade do ar, aquilo que os impedia de movimentarem-se livremente, de verem lucidamente os espaços que os rodeavam. O ar tinha espessura e era um limite visual e sensorial que lhes impedia o corpo de realizar o movimento de dupla realidade física e conceptual, que era o acto de projectar, razão pela qual estavam ali.

Projectar e fazer aparecer as formas de espaço sem aparência que caracterizavam todo o espaço que os envolvia, tornava-se impossível se não procedessem à operação de aparecimento visível e consciente do principal e único material que o estava a construir antes de ali terem entrado: o Ar.

Havia que fazer aparecer e atravessar o ar, que caracterizava todos os espaços. Principalmente medi-lo do ponto de vista do peso. Havia que pesar o ar. Fazer aparecer os espaços que construía.

Fizeram-no com uma enorme e fina folha plástica que por divina providência tinham trazido para proteger o espaço onde iam intervir. Desembrulharam-na, esticaram-na, enrolaram-na,





na e agarraram-na ao corpo; e a partir dele desenvolveram estratégias de manipulação em função das inúmeras e invisíveis correntes de ar, que de repente fizeram sentir-se por todo o lado com o desembrulhar da enorme e leve folha plástica, que rapidamente se tornou numa bolha gigante capaz de flutuar e conter o corpo de quem a manipulava ou de quem se introduzia no seu interior.

Atravessaram o hangar K7 enrodilhados nela, percorreram o amplo corredor da Fundação, passearam-na pela lavandaria, viram-na relectir-se à semelhança de uma nuvem na água que inundava o chão. Permaneceram nela. Habitaram-na e descansaram no seu interior, no primeiro e último canto da Fundação onde nasceu e no amplo corredor central de ligação aos outros hangares.

Inúmeras formas sem aparência deste magnífico espaço fabril, convergiram para este novo espaço de ar, visível, leve e habitado pelo corpo dos espacialistas, que se movimentavam em função dos novos espaços de ar que pretendiam fazer aparecer / projectar.

No final do dia os espacialistas com a sensação de missão

cumprida sabiam que a Fundação nunca mais lhes sairia do corpo. Tinham através dele medido o peso do ar. Tinham através dele intensificado e agravado a espessura dos espaços e das paredes delimitadoras da Fundação. Tinham-lhe acrescentado um novo estado essencial (arquitectónico, artístico e cultural) com a sua passagem.

Saíram dali repletos de um cansaço feliz; conscientes de que o fim deste espaço, desta sua fase de vida, está próximo; esperançados no entanto que estes seus pequenos gestos de ocupação, composição, manipulação, alteração, (re)criação e (re)produção não sejam os últimos suspiros deste grandioso espaço.

Olhavam / analisavam as imagens produzidas, com algum orgulho do dia passado e dos exercícios de espaço realizados, quando surgiu a ideia, de transformar a Fundação de Oeiras num mega CENTRO COMERCIAL DA CULTURA. Com espaços de comércio de bens essenciais da cultura: livros, cd's, dvd's e obras de arte; com galerias / oficinas de exposição e produção de arte, de arquitectura, de música, de dança, de design, de publicidade e de moda; com salas de cinema, de teatro e de

concertos; com espaços lúdicos de jogos e de realidade virtual; com escolas e espaços de (in)formação prática, tecnológica e artística da cultura; com ginásios / espaços de prática desportiva cultural; com espaços de venda de produtos alimentares e de vestuário de diversas culturas; com floristas, alfarrabistas e antiquários, com espaços de lazer: cafetarias, restaurantes e espaços de alimentação temáticos e jardins. Um espaço multicultural, com uma estratégia / vocação de sobrevivência física e comercial tão intensa quanto a estratégia / vocação

de sobrevivência ideal de desenvolvimento das necessidades imaginárias e culturais do homem que um espaço desta natureza poderia promover e ajudar a desenvolver.

Qual é afinal o peso do ar (atmosférico) inodoro, incolor e transparente? Em certas condições padronizadas a densidade do ar à superfície é de 1,293 grama por litro, em profundidade depende dos níveis culturais e de memória que cada um for capaz de pressentir, essencializar e (d)espoletar nele, à maneira dos espacialistas. ♥

ESPACIALISTA É:

(do ponto de vista do espaço da vida quotidiana)

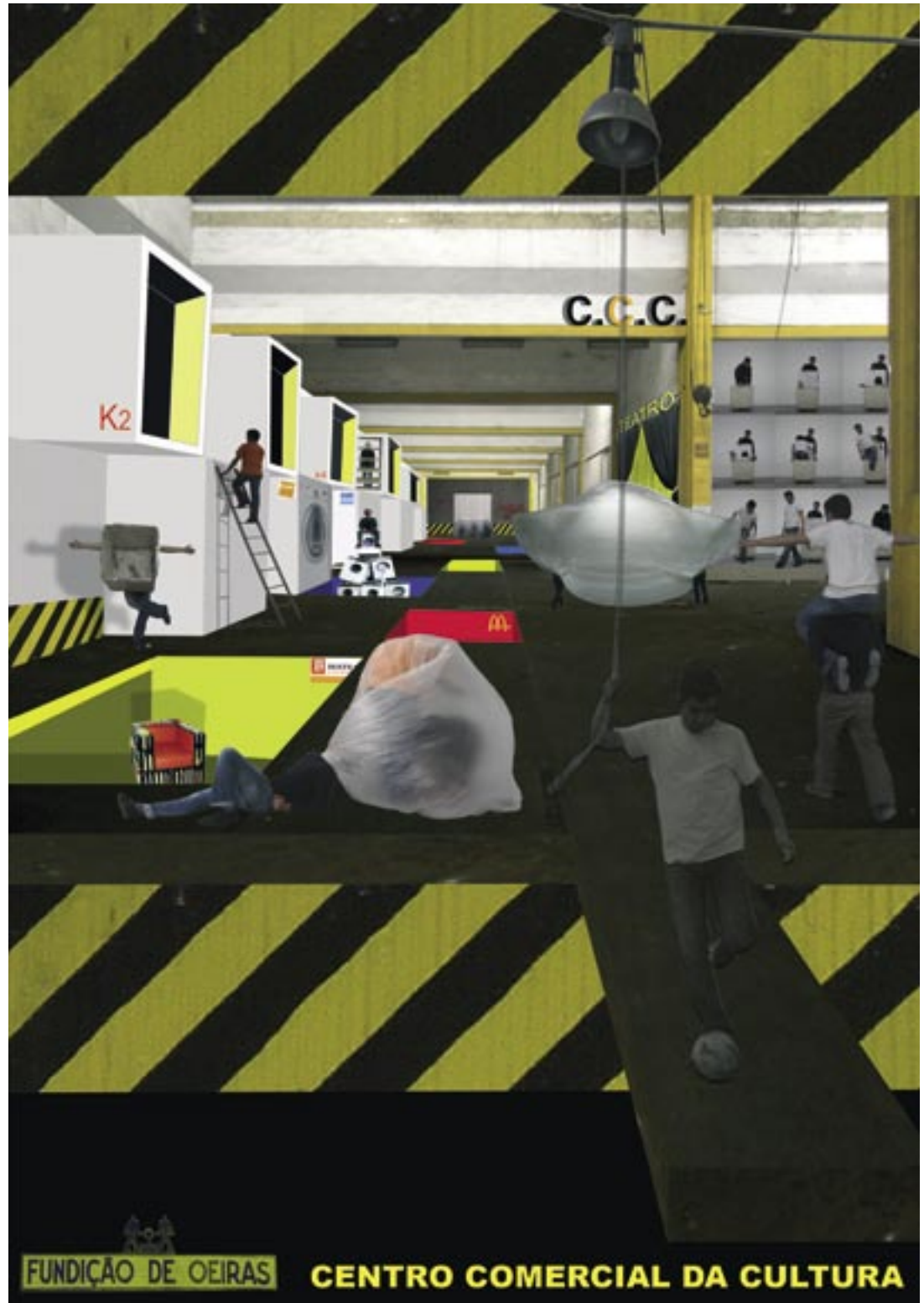
- . Espacialista é aquele que [sai de casa e] parte em direcção ao espaço natural e construído com a única e exclusiva vontade de o fazer aparecer do ponto de vista dos gestos que encerra, das qualidades geométricas que o contêm e dos estados de consciência que lhe deram a aparência com que se apresenta.
- . Espacialista é aquele que sai de casa em direcção ao espaço com vontade de alteração, manipulação, transformação, construção, composição, experienciação e confirmação / comprovação das qualidades diversas das situações de espaço que encontra à medida que se movimenta / caminha.
- . Espacialista é aquele que parte em direcção ao espaço com o olhar atento do predador, do caçador e do jogador, com o principal e único objectivo de detecção de situações de espaço privilegiadas.
- . Espacialista é aquele que sente acima da média o espaço onde habita / vive, reconhece e intensifica as qualidades visíveis e invisíveis, conscientes e inconscientes que o caracterizam.
- . Espacialista é aquele que sente acima da média uma vontade imensa de agarrar o espaço com os dentes e com todas as extremidades internas e externas do corpo que o contém.
- . Espacialista é aquele que sente acima da média os espaços por onde passa e permanece, sem conseguir deixar de exercitar e essencializar as situações de espaço e os objectos em que tropeça e choca : que lhe vêm de encontro ao corpo que o contém.
- . Espacialista é aquele que quase não chega ao destino em direcção ao qual parte, por causa de tudo aquilo que encontra pelo caminho e o obriga a deter-se.
- . Espacialista é aquele que sai de casa predisposto, a manipular e a transformar o espaço do quotidiano que o envolve / contextualiza.
- . Espacialista é aquele que caminha com o exclusivo objectivo de projectar no ar dos espaços por onde passa, as situações de espaço que para aí convêm.
- . Espacialista é aquele que sabe que o corpo humano é o primeiro material de construção dos espaços à espera de aparecerem.
- . Espacialista é aquele que sabe que o corpo humano é o único suporte dotado da verdadeira plasticidade da vida. Com forma, cor, matéria, tempo, espaço, movimento e essência.
- . Espacialista é aquele que (se) expõe o próprio corpo ao registo e ao olhar de outro enquanto desenvolve / improvisa acções de aparência espacial.
- . Espacialista é aquele que desenvolve actividades espaciais laboratoriais com o único e exclusivo objectivo de alterar a percepção dos espaços por onde nos movimentamos diariamente.

- . Espacialista é aquele que converte em exercícios diários de espaço, sonhos / vontades que teimosamente persistem no corpo de cada um.
- . Espacialista é aquele que quotidianamente intensifica e cria novos níveis de desejo humano, a partir das situações de espaço que cria, manipula e dá aparência.
- . Espacialista é aquele que convoca / provoca o "genius loci" do sítio de intervenção com o objectivo de o alterar, chocar, transformar, irritar, recriar, garantir-lhe um novo estado mitológico (na criação humana e divina).
- . Espacialista é aquele que cria processos de repetição e faz a recriação das essências ocultas do espaço, à espera de aparecer pela acção de quem o percorre, permanece nele e essencializa.
- . Espacialista é aquele que desenvolve no próprio corpo um novo órgão / sentido de percepção, de intensificação, de reabilitação, de reprodução e de instinto do espaço quotidiano.
- . Espacialista é aquele que intensifica a percepção espacial dos sentidos através da imaginação e da consequente manipulação / transformação dos espaços onde se encontra.
- . Espacialista é aquele que altera conscientemente a partir do próprio corpo os espaços da vida quotidiana.
- . Espacialista é aquele que desenvolve a vocação espacial do próprio corpo a partir do registo fotográfico e fílmico das acções / transformações que leva a cabo em determinado contexto, com objectivos de usufruto estético e artístico, individual e colectivo, e de comunicação / apresentação programática de outras possibilidades de vida para os espaços por onde passa.

O Filipe, o João , o Luis e o Sérgio são espacialistas, protegidos por uma entidade imaginária que denominaram de Nossa Senhora do Espaço, que teimosamente insiste em aparecer, no decurso dos processos de manipulação de espaço que levam a cabo.

EXERCÍCIO DE ESPAÇO:

- . Acção de manipulação / alteração / essencialização sobre um determinado contexto / espaço do quotidiano, desenvolvida de modo (in)consciente por todo aquele que se propõe criar / construir / dar aparência a novas formas de olhar o espaço.
- . Acção de manipulação sobre um determinado contexto com o principal objectivo de alteração e de aumento da intensidade das relações / situações e acontecimentos espaciais (latentes) preexistentes.
- . Acção / operação de manipulação e intensidade essencial sobre um determinado contexto, com o principal objectivo de criação de processos de essencialização das formas sem aparência preexistentes resultantes da tecnicidade humana.





A ESCOLA COM VISTA PARA O ESTUÁRIO DO TEJO E A PENSAR NO MAR!

texto de Carla Rocha
fotos de Carmo Montanha

Conversámos com o Eng. Abel Simões, Presidente do Conselho Directivo da Escola Náutica Infante D. Henrique, a única escola nacional que tem por missão formar oficiais para a Marinha Mercante e Quadros Superiores para o sector do transporte. Com uma dedicação profunda pela escola onde se formou e dá aulas, o nosso convidado levou-nos ao conhecimento de um mundo que, curiosamente num país com grande extensão de costa como Portugal possui, ainda é desconhecido para muitos. Pelo menos para nós era!

Há quanto tempo é presidente do Conselho directivo desta escola?

Tomei posse em Agosto de 2007. A escola teve uma transição, mudou de tutela do Ministério das Obras Publicas, Transportes e Comunicações para o Ministério de Ciência e Tecnologia e Ensino Superior e com a minha tomada de posse foi implementada uma nova orgânica aqui na escola.

Mas já cá estava?

Sou docente desde 1990. Entrei como

assistente, depois de professor adjunto fui, durante sete anos, Presidente do Conselho Directivo da escola. Mais tarde concorri a eleições para o Conselho Directivo, que ganhei e tomei posse a 2 de Agosto do ano passado.

Que balanço faz deste, ainda, curto mandato?

Com a alteração da tutela da escola e com a implementação da nova orgânica a escola sofreu uma mudança enorme e isso conduziu a uma serie de traba-

lhos adicionais. Não havia Conselho Pedagógico, não havia Conselho de Certificação Marítima, não tínhamos aplicado o estatutos de autonomia dos Institutos Superiores Técnicos. Então, partimos de uma situação quase 'zero' para uma situação nova.

Ou seja, está a falar-me de meses muito trabalhosos?

Muito, muito. Tivemos de fazer regulamentos para todos os órgãos, eleições dos diversos órgãos, sem esquecermos

os regulamentos eleitorais, ou seja, durante os quatro primeiros meses foi só fazer eleições e por os novos órgãos em funcionamento. Para dificultar mais, foi aprovado um novo regime jurídico para as Instituições do Ensino Superior em que toda a orgânica que estamos a implementar, daqui a alguns meses, será alterada.

Ou seja, é um trabalho a curto prazo!

Sim, é muito trabalho para depois fazermos alterações, o que torna o trabalho um pouco ingrato. Que implica novas alterações a partir do Verão deste ano.

Dão formação em cinco áreas, quais?

Temos o curso de Pilotagem, de Engenharia e Máquinas Marítimas, de Engenharia de Sistemas Electrónicos Marítimos, Gestão de Transportes e Administração e Gestão de Negócios Portuários.

Quantos alunos têm?

A escola está com cerca de 430 alunos

Tem vindo a aumentar?

Aumentou ligeiramente relativamente ao ano anterior. Aumentou cerca de 40 alunos. Mas estamos com pouco alunos. A escola tinha condições para ter 1000 alunos.

A que se deve esta situação? É a área que não se mostra aliciante? É que sendo a única escola a nível nacional para a formação de oficiais da Marinha Mercante não têm concorrência.

Sim, isso é verdade, mas creio que há toda uma série de situações que se foram acumulando para que o resultado seja este. Por um lado, a Marinha Mercante Nacional teve um decréscimo enorme. Na década de 70/80 as principais companhias de navegação que tínhamos foram extintas e isso deu

origem a uma série de desemprego no sector. E embora tenham sido criadas novas companhias, só absorveram uma parte dos oficiais. Depois, na década de 90, uma outra situação inédita veio contribuir para esta situação, que é a oferta de trabalhadores de mão-de-obra a baixo custo, nomeadamente dos países de Leste e ultimamente dos países asiáticos e sul-americanos. Desta forma, as remunerações passaram a ser menores, e isso contribuiu para que a profissão de Oficial da Marinha Mercante, que antigamente era muito aliciante, deixasse de o ser.

E era uma profissão de alto estatuto.

Sim, lembro-me de quando saí da escola, fui trabalhar como praticante oficial e fui ganhar cinco vezes mais que um licenciado normal, hoje isso não se passa. Para além de as condições se terem agravado a bordo.

“Sim, sim, há uma parte de formados desta escola que vão trabalhar para companhias europeias. Aliás, o grande mercado é a nível europeu”.



Escola Náutica Infante D. Henrique

Como assim?

São mais horas de trabalho, trabalho mais intenso e uma remuneração pouco aliciante.

Esta situação contribuiu para que haja menos interessados na área.

A nível europeu aconteceu o mesmo que aconteceu em Portugal. Houve muitas escolas náuticas que foram fechadas. E esta situação é altamente gravosa, porque havia uma cadeia em termos de formação e posteriormente em termos de postos de trabalho, que foi quebrada, danificada. Actualmente a União Europeia debate-se com falta de profissionais da Marinha Mercante europeus, aliás, estima-se uma falta de 15 a 20 mil oficiais da Marinha Mercante europeus.

Imagino que haja consequências complicadas para alguns países?

Claro, os países com forte tradição marítima, como é o caso de Inglaterra, Holanda e Alemanha as repercussões são tão graves que eles próprios já começaram a arranjar incentivos para tornar, novamente, a profissão aliciante e atraente.

E há alunos que saindo daqui vão trabalhar para esses países que possuem carência de profissionais?

Sim, sim, há uma parte de formados desta escola que vão trabalhar para companhias europeias. Aliás, o grande mercado é a nível europeu.

Talvez até por isso haja poucas mulheres no sector?

Sim, é um dos motivos, mas vamos tendo algumas alunas e profissionais. No caso do curso de gestão e de administração,



Pormenor da fachada da escola



*Imagino no carro, após um tempo no mar, a dizer 'vira a estibordo'.
"Não, terra é terra, mar é mar".*

temos muitas mulheres. Nos restantes, efectivamente, a procura do sexo feminino é menos, ou quase inexistente.

A escola aderiu ao processo de Bolonha.

Sim, aderimos ao processo de Bolonha em todos os cursos existentes. Num dos cursos já aderimos há dois anos. Relativamente à maioria, foi este ano lectivo. Todos estão adequados a Bolonha. Temos também um mestrado aprovado, e estamos à espera de aprovação de mais três mestrados.

Dão a possibilidade de alunos ficarem alojados na escola, quais os critérios para que tal aconteça, situação financeira ou pelo facto de ser única no país, dão alojamento a alunos que venham de longe?

A nossa residência tem a possibilidade de ter mais de 100 alunos alojados. Se houver muitos alunos a requerer o alojamento, temos de fazer uma selecção e temos em conta os que têm menos rendimentos e que são de mais longe. No entanto, essa situação nem sequer se coloca porque actualmente temos menos pedidos do que espaço, como

tal, quem quiser, pode ficar nas nossas instalações. Actualmente temos cerca de 60 pessoas alojadas.

Confesso que sinto alguma inveja pela vossa localização!

(risos) Temos de reconhecer que estamos num sítio espectacular. O único inconveniente, se é que lhe podemos chamar assim, é a estação de comboios estar um pouco distante, de resto, nada a apontar!

Já utilizam o e-learning, tem muitos alunos que utilizem o ensino à distância?

Realmente temos essa ferramenta, mas ainda só estamos a utilizar a nível interno. Não estamos a dar formação para o exterior. Mas estamos a estudar alguma formação à distância com os PALOP, nomeadamente com Angola. Mas ainda não há nada definido.

Têm termos específicos, como por exemplo pé-de-galo, ou Abicar. E eu pergunto se não seria mais fácil dizer Abordar, relativamente ao Abicar?

São termos náuticos que sempre utilizamos e devemos continuar a utilizar. Por exemplo, também não dizemos

direita e esquerda, mas sim bombordo e estibordo.

E depois de muito tempo no mar a dizerem bombordo e estibordo, não chegam a terra a utilizar essas terminologias?

Imagino no carro, após um tempo no mar, a dizer 'vira a estibordo'. Não, terra é terra, mar é mar.

Nada de confusões!?

Pois não!

Para si, qual a mais valia da escola?

A mais valia é o facto de fazer formação para um sector nobre. O defeito é escola não ter tido a capacidade de aproveitar, na devida altura, as suas capacidades e termos chegado a um ponto menos positivo, que conduziu a uma baixa significativa de alunos e a partir daí, vieram dificuldades inerentes a uma escola com poucos alunos. Hoje em dia, associado ao número de alunos temos o financiamento das instituições, e assim sendo, esta escola encontra-se com dificuldades grandes em termos de financiamentos. E não é num espaço de meses que conseguimos reverter a situação. Mas temos de conseguir! ♥



Que tal espairer entre uma reunião e outra?

| ALÉM OEIRAS |



OEIRAS MAIS INTERNACIONAL

No passado dia 25 de Fevereiro, o Município de Oeiras e a cidade de Cambridge, EUA, assinaram um protocolo de cooperação bilateral que tem como principal objectivo a pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias, nas áreas da biotecnologia e da nanotecnologia, promovendo também a troca de experiências.

texto de Cláudia Brito

Oeiras move esforços contínuos a fim de proceder à internacionalização tecnológica do concelho. As geminações são um instrumento indispensável para que isto aconteça com maior eficácia. Estabelecer alianças entre municípios de países diferentes reforça o crescimento das relações internacionais, possibilita o conhecimento das vivências e fomenta o intercâmbio de ideias, experiências e soluções.

Neste sentido, o município deseja atrair investimento internacional muito selectivo, apostando nos novos “clusters” de alta intensidade tecnológica. E é isso que se pretende com a geminação entre Oeiras e o município americano de Cambridge, no Estado do Massachusetts.

Recordemos que o concelho de Oeiras já havia estabelecido uma relação mais ou menos institucional com municípios americanos, nomeadamente com São Rose na Califórnia, na zona de Silycon Valley. Esta relação com o “vale do high-tech” está associada à criação do Taguspark, que é hoje um reconhecido parque de ciência e tecnologia. Oeiras pretendia que este espaço se tornasse tal como Silycon Valley, um pólo tecnológico muito forte de cariz empresarial e universitário ligado às novas tecnologias.

Silycon Valley é um exemplo de “cluster”, onde se concentram

um grande número de empresas de tecnologia (microelectrónica, tecnologias da informação e biotecnologia). É um local onde se verifica um aglomerado de empresas relacionadas entre si, resultando na criação de um pólo produtivo especializado com vantagens competitivas.

O Município está agora interessado em não se cingir apenas às cooperações denominadas solitárias, ou seja, seguir unicamente as directrizes da política externa portuguesa. Estas cooperações solidárias referem-se concretamente às relações com os PALOP, em África, na América Latina e na Ásia, onde as autarquias com alguma disponibilidade complementam o papel do Estado reforçando a presença portuguesa nesses países. A participação portuguesa verifica-se nos processos de colaboração, de edificação e de solidariedade. O objectivo, para além da defesa da língua portuguesa, é também entender e fomentar uma maior ligação às comunidades oriundas dos PALOP residentes no concelho.

Oeiras quer ir mais além. Não quer ser uma autarquia que assume um papel de auxílio para outras autarquias. Quer, também, informações de qualidade válidas para todos os intervenientes.



Para atingir um elevado nível de internacionalização Oeiras acredita e empenha-se numa cooperação intermunicipal, com uma cidade que está localizada num dos países mais desenvolvidos do mundo, aumentando assim a probabilidade de conseguir a tão desejada competitividade internacional.



É precisamente esse o maior objectivo da assinatura do Protocolo entre Oeiras e Cambridge, criar relações e mecanismos protocolares essencialmente a nível económico e cultural através dos quais cidades de áreas geográficas ou políticas distintas estabelecem laços de cooperação.

O Município de Oeiras e a Cidade de Cambridge são, em Portugal e nos EUA, referência em matéria de Investigação e Desenvolvimento em novas tecnologias, em biotecnologia e em nanotecnologias. Como tal este protocolo pode vir a abranger a Universidade de Harvard e a Massachusetts Institute Technology (MIT) e instituições universitárias de Oeiras nas áreas da biotecnologia e nanotecnologia.

Oeiras tem a preocupação de desenvolver uma comunidade de interesses pacíficos, e dar a conhecer um pouco do concelho para outros países.

A Câmara de Oeiras na sua política de expansão das geminações, foi à procura de regiões que apresentassem semelhanças no modelo de desenvolvimento, ou que estivessem mais avançadas, como é o caso de Cambridge. As vertentes que Oeiras quer fazer catapultar no nosso concelho são as áreas de investigação e ensino, e em Cambridge encontra-se os meios necessários para tal. O protocolo abre caminho ao desenvolvimento notável que se quer implementar no nosso concelho.

Oeiras alia-se aos melhores para atingir um grau de competitividade e atracção cada vez maior.

Note-se que Massachusetts é o Estado mais desenvolvido dos EUA e a cidade de Cambridge tem a particularidade de ter três das cinco melhores universidades do mundo: Harvard, MIT e Medical Boston School. Por estes factores Oeiras aposta tudo nesta geminação, não só por estas questões de desenvolvimento tecnológico mas também pelo facto de Cambridge ter uma comunidade portuguesa expressiva. Surge assim uma ponte civilizacional.

Para atingir um elevado nível de internacionalização Oeiras acredita e empenha-se numa cooperação intermunicipal, com uma cidade que está localizada num dos países mais desenvolvidos do mundo, aumentando assim a probabilidade de conseguir a tão desejada competitividade internacional.

A relação entre Oeiras e EUA não é propriamente recente, ao circularmos pelo concelho poderemos encontrar elementos que nos revelam a forte presença americana. Fala-se por exemplo da Quinta da Fonte, um parque dinâmico constituído por uma empresa de capitais americanos. Consta também que grande parte das empresas americanas sediadas em Portugal está localizada na sua maioria em Oeiras. Não podemos esquecer que a NATO também está em território de Oeiras.



Estes factos só vêm afinar ainda mais a relação entre Oeiras e EUA. Esta cooperação está repleta de potencialidades, onde ambas as partes se comprometem à promoção bilateral do comércio e de oportunidades de investimento bem como à troca de informações económicas e ao intercâmbio entre as respectivas universidades.

Vivemos numa sociedade moderna, em que as novas tecnologias fazem cair em desuso técnicas arcaicas, e todos querem estar lado a lado dos desenvolvimentos que se vão verificando.

Oeiras “quer envolver e ser envolvido”, o protocolo viabiliza não só uma colaboração com duas universidades de referência mundial na área das novas tecnologias, como constitui também uma “janela de oportunidades” para o crescimento das empresas sedeadas no município.

É importante salientar que a celebração do acordo é o primeiro passo para a operacionalização da recém-criada Agência para a Internacionalização, Promoção e Desenvolvimento Empresarial e das Tecnologias de Oeiras (AITEC), destinada a projectar internacionalmente três núcleos concelhios ligados às tecnologias tropicais, de informação e da saúde.

O Concelho de Oeiras olha para o futuro, e visto que estamos numa aldeia global é necessário estar integrado internacionalmente e ter bem presente os princípios de competição e concorrência. Face aos desafios prementes de globalização o acordo de cooperação com Cambridge só vem fornecer contactos privilegiados num mundo global onde é a interacção e não a localização que se revelam importantes. ♥

Oeiras “quer envolver e ser envolvido”, o protocolo viabiliza não só uma colaboração com duas universidades de referência mundial na área das novas tecnologias, como constitui também uma “janela de oportunidades” para o crescimento das empresas sedeadas no município.

E se este abraço com o rio se prolongasse um pouco mais?





PASSEIO MARÍTIMO até Paço de Arcos

texto de Carla Rocha
fotos de Carlos Santos

*E se tivesse mais espaço para contemplar?
E se no fim, ainda quisesse ir um pouco mais além?
Que tal espairecer entre uma reunião e outra?
E se este abraço com o rio se prolongasse um pouco mais?*

Estas vontades serão realizadas em Maio de 2009, com a concretização do aumento do Passeio Marítimo até Paço de Arcos.

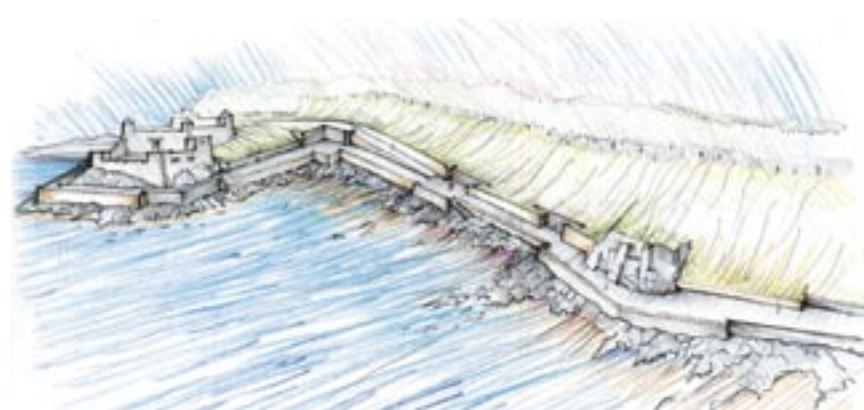
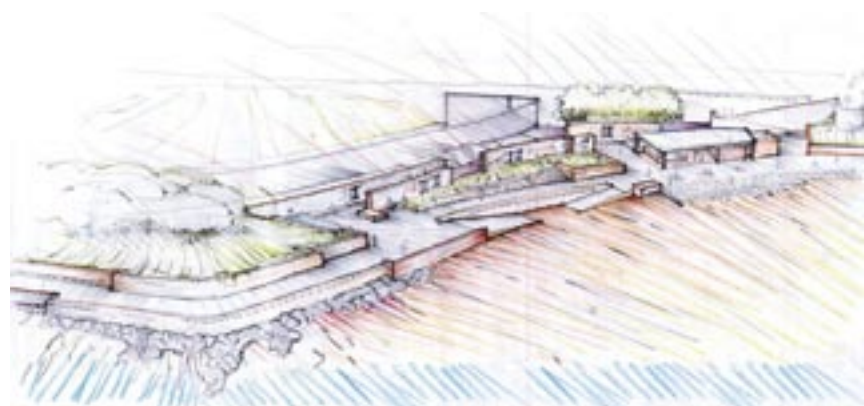
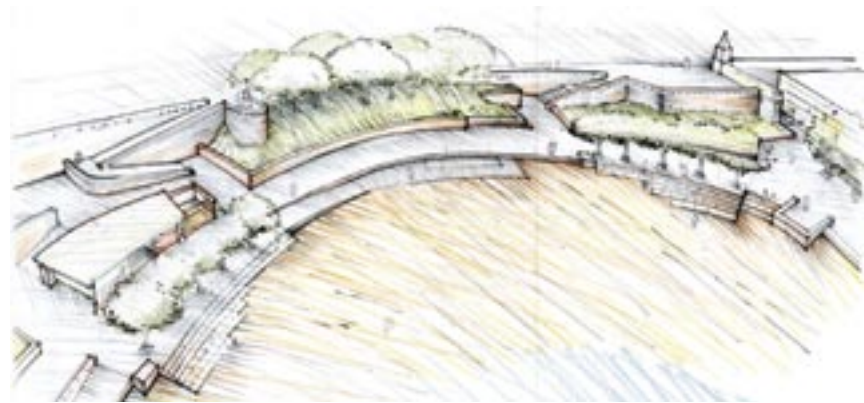
Os trabalhos de construção tiveram início no passado dia 3 de Janeiro e prevê-se uma duração das obras de 18 meses.

O projecto de prolongamento do Passeio Marítimo corresponde a 1450 metros, mais precisamente entre o Forte São João das Maias, na praia de Santo Amaro de Oeiras e a doca da Direcção de Faróis, na praia de Paço de Arcos, perfazendo um total de 3760 metros, contando com os 2310 metros existentes.

A obra, cujo valor ultrapassa os cinco milhões e 200 mil euros deverá ser executada pelo consórcio Tecnovia, S.A./ Tecnovia – Açores, S.A., ao qual foi adjudicada, em Julho do ano passado, na sequência da realização de concurso público internacional. Fazem parte da empreitada a execução de fundações, execução de muros em betão, a colocação de enrocamentos em prismas de protecção, execução de infraestruturas eléctricas, rede de águas e esgotos, rede de rega e o tratamento paisagístico das zonas intervencionadas. Os revestimentos de pavimento previstos são Lajedo de granito em fiadas e betão betuminoso com pigmento de cor. Relativamente aos materiais de revestimento de muros a aplicar são essencialmente granitos e xistos.

A obra não descarta o mobiliário urbano, fundamental para os que desejam usufruir deste espaço, contempla bebedouros, papeleiras, descanso para bicicletas, ecopontos, chuveiros e lava pés.

A partir do primeiro semestre de 2009, terá mais espaço para correr, passear, patinar, ou seja, para desfrutar da vista de mar que o litoral oferece. ♥





V ciclo de estudos oeirenses

Está a decorrer o V Ciclo de Estudos Oeirense, que começou no passado dia 10 de Janeiro. Este ano, a edição decorre sob a temática «da viagem» numa abordagem diacrónica e pluridisciplinar. Num tempo de imperante globalização, pareceu oportuno promover a análise e debate sobre a importância do contacto entre os povos e a relevância da observação de outras paisagens e culturas, enquadramentos sociais e desenvolvimento tecnológico, para além da vertente lúdica subjacente, como formas de construir pontes de entendimento e de progresso equilibrado no mundo.

O ciclo começou com Gonçalo Cadilhe sob o subtema 'O prazer da viagem'. Para os que não foram a tempo de participar, fiquem atentos ao próximo ciclo que será, certamente, aliciante.



Aldeia Global

No passado dia 13 de Março decorreu na Biblioteca Municipal de Oeiras, Conversas na Aldeia Global, com Mónica Bettencourt Dias, do Instituto Gulbenkian Ciência. As conversas na "Aldeia Global" prosseguem a sua programação em 2008 com o segundo ciclo de sessões, de periodicidade mensal, onde neste novo ano, a Biblioteca Municipal de Oeiras abre as portas a investigadores, temas e instituições de investigação e desenvolvimento (I&D) com actuação no concelho de Oeiras.

A "Ciência e Tecnologia em Oeiras" foi a temática central a abordar ao longo deste ciclo, cuja segunda sessão contou com a participação de Mónica Bettencourt Dias, do Instituto Gulbenkian Ciência. A investigadora portuguesa, recentemente premiada com o prémio europeu Ependorf, dará a conhecer os seus estudos na área da biomedicina (multiplicação das células) que contribuíram para que fosse a primeira cientista da Península Ibérica a receber este galardão. Estas descobertas, que poderão levar a novos métodos de diagnóstico e de ataque no combate ao cancro, merecem publicação nas mais conceituadas revistas internacionais da especialidade, como a "Nature", a "Science" e a "Current Biology".

As conversas mantêm a colaboração do jornalista da RTP Vasco Trigo no papel de moderador e dinamizador, dando corpo à ideia de que, afinal, é fácil abrir as fronteiras da ciência e tecnologia se olharmos para a "Aldeia Global" como um espaço de debate, onde o público tem voz e sempre um lugar reservado.

Para saber mais, vá a <http://oeiras-a-ler.blogspot.com>

Café com letras

O projecto Café com Letras continua a trazer ao concelho nomes sonantes do universo da escrita. Este ano, já houve a possibilidade de assistir a uma conversa entre o Carlos Vaz Marques, moderador e o Ricardo Araujo Pereira, em Janeiro, Richard Zimler em Fevereiro, Fernando Campos em Março e Mário de Carvalho em Abril. O Café com Letras para além de promover a leitura, cria uma aproximação entre os leitores e o seu escritor/a de referência, ficando a conhecer um pouco mais o homem ou mulher por detrás da obra. É o universo literário perto de si, numa das nossas bibliotecas.



Mostra de Teatro Amador 2008

Entre 15 de Março a 20 de Abril decorreu, um pouco por todo o concelho, a Mostra de Teatro Amador.

As mais variadas historias e os mais curiosos personagens, tomaram-se de vida e deram-se a conhecer ao mais vasto público. Os grupos de teatro amador do concelho, apresentaram 13 espectáculos, tanto nos auditórios municipais como nas sedes dos próprios grupos. E porque Março é o mês do teatro por excelência, no dia 27, dia Mundial do Teatro, foi lida uma mensagem assinalando a efeméride. Esta mensagem foi lida pela actriz Natasha Marjanovic, no auditório Municipal Lourdes Norberto.



Blackbox Project

*Lugar Comum/Centro de Experimentação Artística
Fábrica da Pólvora de Barcarena*

O Lugar Comum é uma associação cultural que se lançou numa (nova) experiência como produtora de concertos. Em Março de 2007 surgiu, o *Blackbox Project*, para divulgação de novos valores da cena musical portuguesa. Ekta Moai, Feromona, GNU, Harry Hates Hats, Linda Martini, Melange, Pedro Carneiro, Pontos Negros, Prison Flag, Ridding Panico, Smix Smix Smux, TV Rural, Ummadjam e Voodoo Economics foram alguns dos que já passaram por lá. Em Março houve “festa” no primeiro aniversário deste projecto e a (pré-)apresentação do novo álbum dos Dead Combo, parcialmente gravado nas instalações do Lugar Comum. Assim sendo, no passado dia 28 de Março, pode-se ouvir Dead Combo ao vivo.

Os Dead Combo, formados em 2003, são Tó Trips e Pedro Gonçalves no papel de duas personagens que poderiam ter saído de uma BD - um gato pingado e um gangster. Em “Lusitânia Playboys”, novo álbum de originais, a sair em Abril, com quinze temas e um DVD com o “making of” da gravação e um concerto ao vivo, contam com a colaboração do contrabaixista Carlos Bica, do trompetista João Marques, dos bateristas Alexandre Frazão e Zé Vilão, da soprano Ana Quintans e do guitarrista norte-americano Kid Congo Powers (ex-Bad Seeds, a banda de Nick Cave). O “diário”-video da produção e gravação do novo álbum, que passou pelo Lugar Comum e cinema S. Jorge, pode ser (re)visto em <http://deadcombo.blogs.sapo.pt>



| A ARTE DO SABOR |



XAFARIKA BAR

texto de Carla Rocha
fotos de Carmo Montanha

Não se deixem enganar pelo nome, que surge fruto do sentido de humor de uma das proprietárias, Maria Manuel, ao começar por chamar ao espaço 'vamos à chafarica'.

Depois de muito pensarem, acharam o nome fantástico para darem a este sítio que assiste à perfeita comunhão entre a terra e o mar. O bar – Restaurante transforma-se em Xafarika e surge, antes de mais, da vontade férrea de dois irmãos de fazerem na praia de Paço de Arcos: «Para nós uma das melhores praias da linha» um espaço para desfrutar na companhia de uma boa refeição, ou de uma simples bebida.

O projecto nasceu após inúmeros e insondáveis contratempos, mas até por isso, todo o espaço parece impregnado de força e vitalidade.

Mais do que um ponto de encontro, a Xafarika oferece uma contemplação completa com o mar, o passar dos barcos, o Bugio ao fundo, transformando um simples café em algo memorável.

A abertura faz-se às 10 da manhã e daí até a noite surgir, pode-se espraçar para uma bebida, um hambúrguer (não se esqueçam de pedir um hambúrguer à casa, que é divinal), tostas, refeições completas, bolos à fatia e se a noite o surpreender, fique por cá na companhia de uma bebida e assista à transformação do espaço num bar. Esta mutação que os proprietários conseguiram conferir ao espaço é uma mais-valia, fazendo com que a frequência tenha uma rotatividade e dinâmica própria.

Com a época balnear à porta, a Xafarika prepara-se para fazer apoio à praia. Também pode usufruir do espaço para qualquer jantar de grupo ou festa que deseje organizar, para isso, basta contactar o espaço.

| A ARTE DO SABOR |

Para além das cadeiras dentro e na esplanada, existem espreguiçadeiras entre o restaurante e os balneários. O tempo não é medido nem exigido que passe rápido. Pode ficar por cá o tempo que desejar e se a noite arrefecer, não se levante da espreguiçadeira, peça uma manta!

E como alguém dizia: difícil mesmo é deixar de vir quando cá pomos os pés pela primeira vez! ♥

Localização:

Junto à Av. Marginal

Praia de Paço de Arcos

Tel: 919204735

email: arcosdopaco@netcabo.pt

(vindo de Lisboa pela marginal) saída Paço de Arcos depois do Clube Naval de Paço de Arcos.

(vindo de Cascais) Saída Paço de Arcos lateral à Escola Náutica.

(vindo da Auto-estrada A5) Saída Oeiras ou Estádio Nacional em direcção a Paço de Arcos

Horário

Semana das 10:00 às 00:00

Fim-de-semana das 10:00 às 02:00





Jornalista Carlos Saraiva (1946-2008)

texto de Carla Rocha

fotografia gentilmente cedida por Teresa Lima

Decorria o ano de 1946 quando, na Conceição da Abóboda, São Domingos de Rana, naquele dia 11 de Janeiro frio, nasceu Carlos Alberto Saraiva. De criança atenta, veio a transformar-se num homem curioso e perspicaz. Talvez pela sua voracidade de querer saber mais, conhecer o que se passa à sua volta iniciou-se em 1971, com 25 anos, nos meandros da comunicação social enquanto colaborador no jornal «República». Antes teve formação nas antigas Escolas Técnicas, onde tinha concluído o curso Geral de Comércio, na Escola Salesiana do Estoril, que frequentou entre 1956 e 1961, até à admissão no Instituto Comercial de Lisboa para uma licenciatura em Económicas que nunca chegou a concluir pelos afazeres enquanto trabalhador/estudante.

Carlos desde sempre mostrou ser um cavalheiro, aquilo a que se chama um gentleman. Avistando uma senhora com sacos, logo pegava neles. Pela sua sensibilidade, característica que o marcou profundamente, sempre quis ser a voz dos que não tinham voz, escrevendo nos jornais o que via e ouvia. Era voraz com a verdade: queria-a a todo o custo, porque a verdade era um princípio do qual não abdicava.

No jornal «República» permaneceu até Maio de 1975, altura em que um conflito político opôs alguns trabalhadores à di-

recção de Raul Rego, acabando por levar ao encerramento deste órgão de comunicação. Carlos funda, nesse mesmo ano, o jornal «A Luta» em cuja direcção integrou com Raul Rego, Gustavo Soromenho, Vítor Direito e Helena Marques. Carlos era apaixonado pelo que fazia. Após a finalização de um tema, um artigo, começa logo a magiciar um outro, com um pensamento em constante rotatividade. Talvez por isso, férias nunca fossem verdadeiramente dias de puro descanso, mas sim a continuação do trabalho, de forma mais leve, um pouco mais leve. Em 1978 sai do jornal que foi fundador para ingressar no Jornal de Notícias e um pouco mais tarde, sai deste último para trabalhar no «Portugal Hoje». Carlos tinha um humor acutilante e era amante de boas conversas. Com um conhecimento geral acima da média, parecia nunca ter tempo para ele. Receoso de descobrir uma qualquer doença, nunca ia a médicos ou fazia exames. Fumador inveterado, ia dizendo que 'um dia destes, deixo de fumar'. Pai de três filhos, autointitulava-se Pai galinha, soltando um sorriso de seguida.

Depois de uma passagem pela «Publimédia», fundou com um grupo de jornalistas da RTP, em 1981, a revista «Grande Reportagem», dirigida por José Manuel Barata Feyo. Este projecto aliciou-o durante

7 anos após os quais, com José Geada e Teresa Vieira, fundou «Espaços», uma revista de arquitectura onde desempenhou funções de redactor principal, apenas saindo para dirigir a sua última paixão jornalística, a de director do «Jornal de Oeiras e do «Jornal de Cascais». Homem eclético no gosto, abrangia vários temas, sendo conhecedor de variadas vertentes conferindo-lhe um conhecimento geral muito abrangente. Teimoso, muito teimoso seria este o grande defeito que os mais próximos lhe encontravam. Era difícil de demover de uma ideia na qual acreditava; no entanto, para outros, este lado teimoso mais não era do que um homem com grandes convicções. Perfeccionista ao ponto de fazer a marginal inúmeras vezes à procura do melhor ângulo para fotografar uma amendoeira em flor que ele observou em pleno Janeiro. Queria que os seus leitores vissem a amendoeira que floriu tão cedo. Isso foi no início de 2008. Ano em que ele tinha dito à sua namorada, Teresa Lima, que iria começar a cuidar um pouco mais da sua saúde. No dia dos namorados, seu coração parou. Tinha acabado de dizer que na próxima terça-feira iria arranjar os armários da cozinha. Para trás, ficaram mil artigos por escrever, fotografias para tirar, histórias para contar e o sonho de fazer A Casa do Jornalista! ♥

ESILMO
Marca &

oeiras
Marca o ritmo

